



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Ana Lúcia Ferreira de Mattos

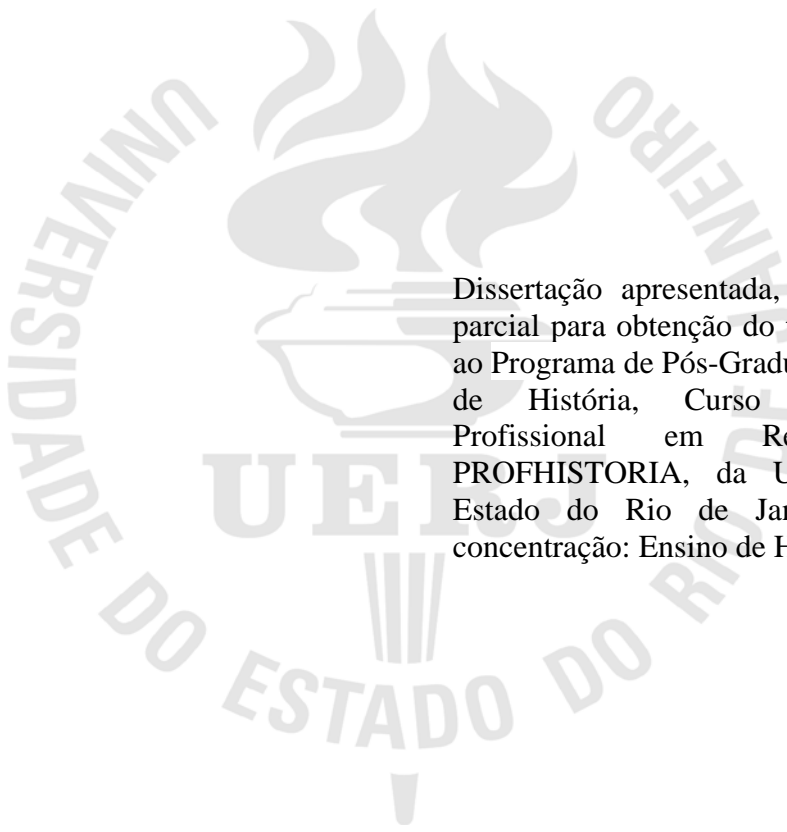
**Rompendo mordças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo
na aula de história**

São Gonçalo

2019

Ana Lúcia Ferreira de Mattos

Rompendo mordças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo na aula de história



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pinha Silva

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

M444 Mattos, Ana Lúcia Ferreira de.
Rompendo mordanças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo na aula de história / Ana Lúcia Ferreira de Mattos. – 2019.
97f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pinha da Silva.
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Relações étnico-raciais na educação – Teses. 3. Antirracismo – Teses. I. Silva, Daniel Pinha da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 - 4994 CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Lúcia Ferreira de Mattos

Rompendo mordanças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo na aula de história

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 19 de dezembro 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Pinha Silva

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Rafael Lima Alves de Souza

Colégio Pedro II

Prof^a. Dra. Helena Maria Marques Araújo

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp UERJ

São Gonçalo

2019

DEDICATÓRIA

Eu dedico esse trabalho a minha família que sempre me amparou, em todas as ocasiões, e a todos os professores desse país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, que sempre esteve ao meu lado, em todas as ocasiões me apoiando em tudo. Nos bons e maus momentos de minha vida.

Agradeço aos meus amigos que sempre me ajudaram e animaram, com palavras, sugestões e conselhos.

Agradeço a todos os meus colegas de profissão. Juntos, enfrentamos todos os dias os desafios de ensinar.

Agradeço a todos os meus queridos amigos da turma de 2016: Obrigada Laira, Clemir, Fábio, Flávio, Silvana, Tarik, Alexandre, Cristiana, Edson, Leandro, Cadu, Juliana, Luciana, Andreia, Lara e Carlos Henrique.

Agradeço a todos os professores do PROFHISTORIA por toda a paciência, dedicação e por todo o conhecimento compartilhado durante as aulas.

Agradeço às professoras da minha banca de qualificação, Ynaê Lopes e Amanda Danelli pelas preciosas orientações.

Agradeço ao querido Silvano Palmares por toda a gentileza e atenção, não só comigo, mas com toda a minha turma.

Agradeço à professora Carina Martins pelo carinho e compreensão quando eu precisei.

Agradeço ao prof. Dr. Rafael Lima Alves de Souza e a Prof^ª. Dra. Helena Maria Marques Araújo por aceitarem o convite para a Banca Examinadora de minha Dissertação de Mestrado.

Agradeço principalmente ao meu querido orientador Daniel Pinha Silva. Se não fosse ele, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Finalmente, agradeço à UERJ por tudo!

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire

RESUMO

MATTOS, Ana Lúcia Ferreira de. *Rompendo mordanças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo na aula de história*. 2019. 97f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

Esta Dissertação de Mestrado examina possibilidades de uso da obra literária do escritor Lima Barreto como um instrumento para auxiliar professores de história em seu trabalho em sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental, e na disseminação de uma educação antirracista e democrática. Para esta Dissertação de Mestrado foram utilizados dois romances do escritor Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos* e uma obra de memórias, o *Diário íntimo*.

Palavras-chave: Ensino de história. Literatura. Relações étnico-raciais.

ABSTRACT

MATTOS, Ana Lúcia Ferreira de. *Breaking gags and walls: Lima Barreto and the confrontation of racism in history class*. 2019. 97f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

This Master's Dissertation examines possibilities of using writer Lima Barreto's literary work as an instrument to assist history teachers in their classroom work, especially in elementary school, and in the dissemination of an anti-racist and democratic education. For this Master's Dissertation were used two novels by the writer Lima Barreto, *Memories of the scribe Isaiás Caminha*, *Clara dos Anjos* and a work of memories, the intimate diary.

Keywords: History teaching. Literature. Ethnic-racial relations.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 – | Charge da cartunista Laerte | 65 |
| Figura 2 – | Fundos de prédio na Rua do Rezende | 68 |
| Figura 3 – | Cortiços que ainda sobrevivem | 71 |
| Figura 4 – | Cortiços do Rio antigo | 72 |
| Figura 5 – | Cortiço da Rua Senador Pompeo 65 | 73 |
| Figura 6 – | Dona Maria, moradora de cortiço | 73 |
| Figura 7 – | Moradores do cortiço da Rua Senador Pompeo 65 | 74 |
| Figura 8 – | A Liberdade | 76 |
| Figura 9 – | Chibata | 76 |
| Figura 10 – | A Voz da Raça | 77 |
| Figura 11 – | Hemetério José dos Santos | 88 |
| Figura 12 – | O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto | 89 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 | A LITERATURA DE LIMA BARRETO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO: O OLHAR SOBRE O NEGRO E O DEBATE RACIAL | 18 |
| 1.1 | O debate racial na Europa oitocentista | 23 |
| 1.2 | O racismo e o caso brasileiro | 29 |
| 1.3 | Condição biográfica: João Henriques e Amália Augusta | 31 |
| 1.4 | A posição de Lima Barreto diante do debate racial brasileiro de sua época | 37 |
| 1.5 | <i>Diário íntimo</i> | 41 |
| 1.6 | <i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i> | 43 |
| 1.7 | <i>Clara dos Anjos</i> | 44 |
| 2 | CONJUNTO DE OFICINAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II | 46 |
| 2.1 | Lima Barreto e o enfrentamento do racismo em sua obra Literária <i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i> | 48 |
| 2.2 | <i>Clara dos Anjos</i> | 51 |
| 2.3 | <i>Diário íntimo</i> | 54 |
| 3 | DAS OFICINAS: LIMA BARRETO E O ENFRENTAMENTO DO RACISMO POR MEIO DA AULA DE HISTÓRIA | 57 |
| 3.1 | Oficina 1: A abolição da escravidão e a cidadania que não aconteceu | 57 |
| 3.2 | Oficina 2: O racismo científico no pós-abolição e a luta por direitos | 62 |
| 3.3 | Oficina 3: A luta cotidiana dos grupos populares por habitação na Primeira República | 66 |
| 3.4 | Oficina 4: A imprensa negra brasileira | 75 |
| 3.5 | Oficina 5: As mulheres negras nas obras de Lima Barreto | 78 |
| 3.6 | Oficina 6: A educação como forma de ascensão social e afirmação de direitos | 85 |

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 91 |
| REFERÊNCIAS..... | 94 |

INTRODUÇÃO

Apresentação do tema

Esta Dissertação de Mestrado examina possibilidades de uso da obra literária do escritor Lima Barreto como um instrumento para auxiliar professores de história em seu trabalho em sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental, e na disseminação de uma educação antirracista e democrática.

O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto viveu na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1881 e 1922 e experimentou intensamente os preconceitos e humilhações que sua condição de mulato e pobre, portanto, pertencente aos grupos desfavorecidos da sociedade, no contexto pós-abolição. Por ter presenciado o processo de transição do regime monárquico para o republicano no Brasil e a reestruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro conduzida pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX, que excluiu e marginalizou cada vez mais a população humilde, Lima Barreto denunciou em várias de suas obras a discriminação e o preconceito sofridos por essa população, principalmente, a negra. As obras escolhidas para o desenvolvimento desta Dissertação privilegiam questões relacionadas às relações étnico-raciais e que contribuam de alguma forma para a denúncia contra o racismo, a exclusão social e sua permanência na nossa sociedade.

Proponho aqui um conjunto de 6 atividades pedagógicas centradas no ensino da história, a serem utilizadas em ambiente escolar ou para além dele, que visam despertar o interesse dos alunos pelos textos literários, através dos trechos selecionados das obras do escritor Lima Barreto, produzindo, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre discriminação, injúria racial e suas consequências para a sociedade brasileira no contexto contemporâneo. Desse modo, espero contribuir com os docentes de História em seu trabalho cotidiano em temas considerados difíceis/sensíveis de serem abordados com os alunos, além de tentar contribuir para a conscientização e respeito desses mesmos alunos em relação ao outro e a eles próprios, visando a uma formação e prática cidadã e antirracista.

A caminho do objeto

Esse projeto de pesquisa é o aprofundamento de questões levantadas durante a elaboração de minha monografia de graduação em História na Universidade do Estado do Rio

de Janeiro (Uerj). No mesmo ano em que me graduei em História, no ano 2000, comecei a trabalhar em um Ciep Estadual no município de Queimados, Baixada Fluminense. As questões surgidas durante o desenvolvimento de minha monografia, somadas a minha experiência como professora de história, lecionando para alunos do Ensino Fundamental e Médio, me fizeram trazer para este tema.

Nos anos de experiência que tenho como professora de história do Ensino Fundamental nas escolas do município do Rio de Janeiro, e nas escolas estaduais em que lecionei para turmas do Ensino Médio, ao longo de dezessete anos de experiência, presenciei entre os alunos, situações de constrangimento diante de diferentes formas de desqualificação infligidas pelos próprios colegas. Apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando traços físicos, como a textura de cabelos e a cor da pele, fazendo pouco das religiões de matriz africana às quais muitos colegas pertenciam, eram utilizados pelos alunos, incluindo também alunos afrodescendentes.

De acordo com o *Atlas da Violência 2017*, lançado em 5 de junho pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os "homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra¹ corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios". (Ipea, 2017, p. 30-31). O triste resultado desse estudo divulgado pelo Ipea, é constatado por mim e pelos meus colegas de magistério no nosso cotidiano de trabalho, quando observamos a evasão de alunos das turmas por vários motivos, como a necessidade de ajudar financeiramente os pais (ou cuidar dos irmãos mais novos para os pais trabalharem), a violência doméstica, a falta de perspectiva de um futuro melhor, o uso de drogas, a criminalidade e dificuldades de aprendizagem que acabam levando a um desinteresse pela escola e, conseqüentemente, ao seu abandono.

Segundo o mesmo *Atlas da Violência 2017* a

[...] mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre 2005 e 2015, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras – ou seja, abaixo da média nacional –, a mortalidade de mulheres negras observou um aumento de 22% no mesmo período, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras, acima da média nacional.

[...] além da taxa de mortalidade de mulheres negras ter aumentado, cresceu também a proporção de mulheres negras entre o total de mulheres vítimas de mortes por agressão, passando de 54,8% em 2005 para 65,3% em 2015. Trocando em miúdos, 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil no último ano eram negras, na evidência de que a combinação entre desigualdade de gênero e racismo é extremamente

¹ No *Atlas da violência 2017* o Ipea adota a classificação do IBGE para raça/cor, que considera negros os indivíduos de cor preta ou parda; e indivíduos não negros, os brancos, indígenas ou amarelos.

perversa e configura variável fundamental para compreendermos a violência letal contra a mulher no país. (IPEA, 2017, p.37)

Diante de todas essas dificuldades, muitas dúvidas e perguntas surgiram. Como contribuir para tentar diminuir essa triste realidade? Como contribuir para ajudar os docentes em sala de aula, que, como eu, procuram meios para, através das aulas de História, a tentar mudar essa situação? O interesse em trabalhar com as obras do escritor Lima Barreto revelou-se um caminho possível para tentar responder a essas perguntas, principalmente através dos romances *Clara dos Anjos*, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e de seu *Diário íntimo*. Durante as minhas aulas de história e a elaboração desta Dissertação de Mestrado, as seguintes perguntas foram se tornando persistentes: Quais os motivos que fazem com que muitos alunos usem palavras, expressões e brincadeiras ofensivas em relação à cor, à aparência, à religião (especialmente as religiões de matriz africana), e também ao gênero? Por que esses mesmos alunos e alunas acham "normais" essas atitudes? Qual é a visão de mundo (opiniões e perspectivas de futuro) desses alunos, rapazes e moças?

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

[...] o compromisso que deve existir entre o ensino escolar e a História, em particular, para a construção de uma sociedade democrática, pressupõe abordar temas que promovam positivamente, grupos, que por muito tempo ficaram ausentes do ensino da disciplina, ou então eram tratados de forma estereotipada e preconceituosa, dando-lhes visibilidade. (BRASIL, 2013, p. 136)

No ambiente escolar hoje a sensação comum compartilhada por vários professores é que está cada vez mais difícil abordar temas considerados polêmicos em sala de aula, principalmente no contexto atual em que lecionamos – em que estão incluídas dificuldades como diminuição da autonomia dos professores e sua crescente desvalorização, precariedade das instituições de ensino, principalmente as públicas, intolerância e desrespeito às opiniões e culturas diferentes . De acordo com Verena Alberti "[o] problema dos temas sensíveis é que eles não são fáceis de tratar em sala de aula – aliás, em lugar nenhum." (ALBERTI, 2014, p. 2), e, em um ambiente como o atual, estes problemas se redobram. Quais são as dificuldades dos professores de história para conseguirem trabalhar temas considerados polêmicos com os alunos? As dificuldades são muitas. Elas incluem desde o desinteresse dos alunos por questões ocorridas em um passado recente ou não, até a resistência de alguns responsáveis que acreditam que o estudo de temas sensíveis não merecem ser trabalhados porque podem atrapalhar o cumprimento do programa ou influenciá-los ideologicamente. Como afirma Verena Alberti "[escolher] trabalhar com esses temas implica, [...], correr riscos. Esses riscos

precisam ser compensados e o professor deve acreditar que vale a pena corrê-los." (ALBERTI, 2014, p. 2). O respaldo da direção da escola também é muito importante porque

[...] sobre o ensino de questões sensíveis ou controversas é a necessidade de um ambiente seguro, onde alunos e professores se sintam confortáveis para discutir o assunto, bem como o fato de os professores e a escola estarem dispostos a correr riscos. (ALBERTI, 2014, p. 2)

O desenvolvimento de um material pedagógico que auxilie os professores nesta tarefa deve levar em consideração "[...] o uso de fontes efetivas, atraentes e estimulantes, que possam tornar possível o engajamento pessoal. Essas fontes, quando bem escolhidas, têm a função de mudar a atitude do aluno [...] em relação ao assunto." (ALBERTI, 2014, p. 2)

Entendo que a obra literária do escritor Lima Barreto pode oferecer uma boa contribuição neste sentido.

Por que Lima Barreto?

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1881, Afonso Henriques de Lima Barreto era filho de um culto tipógrafo e de uma professora, que morreu quando o escritor tinha sete anos de idade. Em 1902, foi obrigado a abandonar a Escola Politécnica para trabalhar como amanuense no Ministério da Guerra e ajudar a sustentar a família, pois o pai enlouquecera. Entre os anos de 1914 até o fim da vida, Lima Barreto alternou períodos de intensa produtividade e colaboração na imprensa com interrupções para tratamento no Hospício Nacional de Alienados por duas vezes, devido as frustrações, depressão e ao alcoolismo. A primeira internação ocorreu no período de 18 de agosto a 13 de outubro de 1914 e a segunda entre 25 de dezembro de 1919 e 2 de fevereiro de 1920. Faleceu no dia 1º de novembro de 1922, aos 41 anos, vítima de uma gripe torácica, possivelmente uma pneumonia (SCHWARCZ, 2017, p. 485), e de um colapso cardíaco, deixando uma obra da qual fazem parte, contos, sátiras, novelas, romances, crônicas, artigos em jornais e diários que é de grande importância para a literatura brasileira. Diversos textos de Lima Barreto abordam questões polêmicas que permanecem até hoje em nossa sociedade, como racismo, corrupção na política, militares, violência contra a população civil, opressão à mulher, parcialidade da imprensa, violência no futebol, depressão, loucura, literatos esnobes, crenças, costumes, resistência de antigas tradições, ostentação social, nepotismo, clientelismo e muitas outras.

O escritor Lima Barreto

[...] nasceu em uma conjuntura de mudança. Ainda menino viu o império ruir, dando lugar a uma república, onde as estruturas sociais hierárquicas tradicionais assumiam novos conteúdos e feições, com o fim de reproduzir a desigualdade não mais fundada na escravidão. [...] na prática a república brasileira resultaria de uma recomposição oligárquica, pautada nas estruturas básicas da formação econômico-social brasileira. O setor agroexportador da economia continuou a comandar o processo, fazendo com que as deformações e arbitrariedades do poder local se reproduzissem no autoritarismo do estado e na venalidade do exercício da administração pública e do sistema eleitoral (ANGELIM, 2008, p. 26).

A cidade do Rio de Janeiro, local onde Lima Barreto nasceu e morreu, foi profundamente atingida por todas as transformações, que já marcavam presença nos últimos anos do império, resultado dos recentes episódios de libertação dos escravos e da proclamação da república. Essas transformações foram uma consequência natural, pois a cidade era a maior do país (e sua capital), tornando-se o seu centro econômico, político e cultural. No início do século XX, com o advento da ordem republicana, o Rio de Janeiro passou por um grande processo de convulsão política e social, marcado por crises e pela crescente eliminação na cena política, das elites tradicionais do império, e o que elas representavam, o "atraso", o "obscurantismo" em oposição à modernidade, identificada com o progresso e, portanto, com a república. Atento as contradições que faziam parte do processo de urbanização e do desenvolvimento do capital industrial e financeiro do Brasil, Lima Barreto sempre as denunciou em várias de suas obras (ANGELIM, 2008, p. 27). As reformas urbanas na cidade do Rio realizadas pelos prefeitos Pereira Passos (1903-1906) e Carlos Sampaio (1920-1922) foram criticadas por Lima que entendia que o processo de "regeneração" da cidade e, por extensão, do país, na linguagem dos cronistas da época" (SEVCENKO, 1983, p. 30) não trouxe os benefícios do progresso para todos. A "ideologia burguesa propagava que as *benesses* seriam estendidas a toda a sociedade" (ANGELIM, 2008, p. 27), o que na verdade não aconteceu.

Durante toda a sua vida o escritor Lima Barreto lutou, sem obter sucesso, contra os obstáculos resultantes de sua condição de mulato e pobre, que impediram o reconhecimento de sua obra, dentro de um sistema de apadrinhamento, arrivista e preconceituoso em relação as camadas humildes, nas quais se incluíam os negros e mulatos. Apesar das imensas dificuldades enfrentadas, Lima Barreto escolheu um difícil caminho como escritor: o de transformar sua obra em um instrumento de crítica e luta por mudanças sociais. Lima Barreto expressa em sua obra "[...] o compromisso com a militância política que fazia de sua literatura uma missão transformadora da realidade social desigual e discriminatória." (ENGEL, 2008, p.

33) Essa missão transformadora levaria o leitor a uma reflexão sobre seus obstáculos e problemas sociais, despertando nele, a necessidade de mudança (SILVA, 2011, p. 28).

O racismo foi um dos temas abordados e denunciados em suas obras, principalmente nos dois romances escolhidos para esse projeto *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos* e o *Diário íntimo*. O *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, livro escolhido por Lima Barreto para ingressar na vida literária nacional e com o qual esperava o reconhecimento de seus pares, não foi bem aceito pelos críticos literários. Um dos principais motivos da crítica negativa ao livro foi desmascarar o racismo na sociedade da época. O romance narra a história do jovem Isaías, que se muda de uma cidade do interior para a capital da república, a cidade do Rio de Janeiro, com o sonho de tornar-se "doutor", mas é humilhado, desiludindo-se, vítima do preconceito.

Em *Clara dos Anjos*, a vítima da discriminação racial nos primeiros anos da república na cidade do Rio de Janeiro, é a jovem mulata Clara. O local onde se desenvolve a história, é novamente a cidade do Rio de Janeiro, e Clara é uma adolescente meiga e ingênua de 16 anos, filha de um carteiro e de uma dona de casa. A jovem se apaixona por um malandro branco suburbano, Cassi Jones, que a engravida e a abandona, como já havia feito com outras jovens, principalmente negras e mulatas, suas vítimas prediletas. Ao procurar a família do namorado, Clara é vítima do preconceito por ser negra e pobre.

O *Diário íntimo*², um livro de memórias que começou a ser escrito por volta de 1900 e só foi publicado em 1953, o autor registrou situações vividas ou presenciadas por ele ao longo de muitos anos de sua vida, como a discriminação racial, a desigualdade social, a descrição de momentos em que foi tomado pelos sentimentos de esperanças, angústia e decepções, além de esboços de obras publicadas postumamente, como *Clara dos Anjos*.

Lima Barreto na aula de história como ferramenta antirracista

O objetivo central desta Dissertação é oferecer caminhos para que os professores de história trabalhem com os alunos temas sensíveis e, ao mesmo tempo, contribuir para uma educação antirracista na escola. A obra literária de Lima Barreto se apresenta aqui um potencial instrumento para o alcance deste objetivo.

O primeiro capítulo analisa a literatura de Lima Barreto em seu contexto histórico, isto é, o autor e as questões de seu tempo. Entendemos que dessa forma podemos justificar e

² O livro *Diário íntimo*, começou a ser escrito por volta de 1900 até aproximadamente, final do ano de 1921, um ano antes da morte de Lima Barreto.

apresentar ao professor contemporâneo a centralidade da obra em seu contexto de produção e suas múltiplas possibilidades para o contexto contemporâneo. Trato do surgimento das teorias racistas na Europa com a aprovação da Ciência e a utilização delas no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, por intelectuais brasileiros, e o posicionamento do escritor em relação a isso.

No segundo capítulo desenvolvo a proposição didática – isto é, o produto – a ser utilizada como ferramenta pedagógica para professores de história envolvidos no enfrentamento do racismo em sala de aula: seis oficinas pedagógicas que, partindo das obras Lima Barreto, em suas múltiplas facetas, se apresentam como instrumentos para debate, reflexão e formação visando a uma educação antirracista na escola.

1 A LITERATURA DE LIMA BARRETO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO: O OLHAR SOBRE O NEGRO E O DEBATE RACIAL

Durante a minha infância e adolescência, ouvi várias vezes essa frase: "Não existe racismo no Brasil!" Ouvia essa frase nas escolas, nas ruas, em programas de rádio ou de televisão. Ouvia também, principalmente a partir do período de redemocratização, que todos os problemas do Brasil eram causados pela enorme desigualdade social, excluindo o racismo em nossa sociedade. Essas afirmativas que ouvi em diversas ocasiões nos anos de minha juventude, ainda são repetidas e vão na direção oposta ao resultado de um estudo do *Atlas da Violência 2017*, lançado em 5 de junho pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2017) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2017). De acordo com esse estudo, os "homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra³ corresponde a maioria (78,9 %) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios". (IPEA, 2017, p. 30-31).

Para atualizar e complementar esses dados, *O Atlas da Violência 2018*, lançado em junho do mesmo ano, denuncia a alta taxa de homicídios da população negra no Brasil:

Uma das principais facetas da desigualdade racial no Brasil é a forte concentração de homicídios na população negra. Quando calculadas dentro de grupos populacionais de negros (pretos e pardos) e não negros (brancos, amarelos e indígenas), as taxas de homicídio revelam a magnitude da desigualdade. É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. (IPEA, 2018, p. 40)

O Atlas da Violência de 2018 ao apontar em seu estudo, que as principais vítimas de homicídios no Brasil é a população negra, vai na contramão de diversos discursos que afirmam que o país é fruto de uma nação miscigenada – formada por brancos, indígenas e negros –, que contribuiu e ainda contribui com sua cultura para a formação da nação brasileira, e portanto, o racismo não existe. Se não existe racismo no Brasil, se não somos racistas, então porque depois de 131 anos do fim do escravismo, as taxas de desigualdades na

³ No *Atlas da violência 2017* e na edição de 2018, o Ipea adota a classificação do IBGE para raça/cor que considera negros os indivíduos de cor preta ou parda, e indivíduos não negros, os brancos, indígenas ou amarelos.

saúde, educação, no pagamento de salários, número maior de homicídios, atingem em maior proporção, a população negra?

Após 131 anos depois da assinatura da Lei Áurea, que aboliu a escravidão em todo o território brasileiro, as consequências de três séculos do regime escravista estão presentes na realidade do país, reveladas através de pesquisas de taxas de mortalidade da população, desigualdades em relação a empregos, salários, educação e saúde. Apesar de serem mais da metade da população brasileira (53,6%), negros e negras são 76% dos 10% mais pobre, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados apresentados pelo *Atlas da Violência 2018*

vêm complementar e atualizar o cenário de desigualdade racial em termos de violência letal no Brasil já descrito por outras publicações. É o caso do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, ano base 2015, que demonstrou que o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco. Já o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* analisou 5.896 boletins de ocorrência de mortes decorrentes de intervenções policiais entre 2015 e 2016, o que representa 78% do universo das mortes no período, e, ao descontar as vítimas cuja informação de raça/cor não estava disponível, identificou que 76,2% das vítimas de atuação da polícia são negras. (Ipea, 2018, p. 41)

Os negros, especialmente os jovens negros do sexo masculino de acordo com os dados do Atlas da Violência 2018, estão mais vulneráveis a violência do que os jovens não negros, tornando-se o perfil mais frequente do homicídio no Brasil⁴. Os dados trazidos pelo Atlas apontam também que os negros são as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil da população carcerária no Brasil. A desigualdade racial no Brasil torna-se evidente no que se refere a violência letal e as políticas de segurança: a população negra é a maior vítima.

Quando se observa os dados sobre feminicídio no Brasil nos últimos anos, a constatação é de que o número de mulheres negras assassinadas, é maior do que as mulheres não negras. O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de violência contra a mulher⁵, com a taxa de homicídios bem maior entre as mulheres negras (5,3) do que entre as não negras (3,1), uma diferença de 71%, de acordo com dados do *Atlas da Violência 2018*. Segundo os dados da pesquisa no período compreendido entre 2006 e 2016, do mesmo atlas, em relação aos dez anos da série, a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou

⁴ O Atlas da Violência 2019 aponta que os cinco estados com maiores taxas de homicídios de negros estão localizados na região Nordeste. Desses estados, Alagoas é o que apresenta maior índice de homicídios de negros, e ao mesmo tempo ostenta o título de estado mais seguro para indivíduos não negros (em termos das chances de letalidade violenta intencional). INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Atlas da violência 2019*. 5 de junho de 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432. Acesso em 10 nov. 2019, p. 50-51.

⁵ De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos.

15,4%, enquanto que entre as não negras houve redução de 8%. (IPEA, 2018, p. 51). Os estados de Goiás e Pará na região Norte, ocupam o topo do *ranking* das maiores taxas de homicídios de mulheres negras.

Um estudo divulgado no dia 6 de novembro de 2019 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas)⁶, aponta que

embora um milhão de pessoas tenham deixado a linha de pobreza – rendimento diário inferior a US\$ 5,5, medida adotada pelo Banco Mundial para identificar a pobreza em países em desenvolvimento como Brasil – um quarto da população brasileira, ou 52,5 milhões de pessoas, ainda vivia com menos de R\$ 420 per capita por mês. O índice caiu de 26,5%, em 2017, para 25,3% em 2018, porém, o percentual está longe do alcançado em 2014, o melhor ano da série, que registrou 22,8%.

“Em 2012, foi registrado o maior nível da série para a pobreza, 26,5%, seguido de queda de 4 p.p. em 2014. A partir de 2015, com a crise econômica e política e a redução do mercado de trabalho, os percentuais de pobreza passaram a subir com pequena queda em 2018, que não chega a ser uma mudança de tendência”, avalia o analista do IBGE Pedro Rocha de Moraes.

A pobreza atinge sobretudo a população preta ou parda, que representa 72,7% dos pobres, em números absolutos 38,1 milhões de pessoas. E as mulheres pretas ou pardas compõem o maior contingente, 27,2 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza. (IBGE, 2019)

O 13 de maio nas memórias do menino Lima Barreto, são descritas assim:

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos. Era bom-saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão. (BARRETO, 2005, p. 259)

O escritor Lima Barreto, assim descreve no artigo intitulado "*Maio*", publicado na *Gazeta da Tarde* em 4 de maio de 1911, o momento em que sua professora d. Teresa Pimentel do Amaral, a quem Lima Barreto estimava muito, reúne a classe e comunica que a partir de 13 de maio de 1888, não existiam mais escravos no Brasil. Era o mesmo dia do aniversário de Lima Barreto que completava sete anos de idade, e apesar de desconhecer os horrores do cativo, o menino não deixou de se contagiar com a alegria que se espalhou pela cidade do Rio, com a notícia de que não havia mais escravos no Brasil. (SCHWARCZ, 2017, p. 61).

⁶ Os dados são da Síntese de Indicadores Sociais (SIS) divulgados pelo IBGE, em 6 de novembro de 2019. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de Indicadores Sociais (SIS). 6 de novembro de 2019. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>. Acesso em 10 nov. 2019.

A população negra após a abolição passou a ser vista com temor pelas classes dominantes do Império em seus últimos meses, pois "a abolição trazia consigo os contornos do fantasma da desordem" (CHALHOUB, 2001, p. 66) e "a lei de 13 de maio era percebida como uma ameaça à ordem porque nivelava todas as classes de um dia para o outro, provocando um deslocamento de profissões e de hábitos de consequências imprevisíveis" (CHALHOUB, 2001, p. 67).

De acordo com o historiador Sidney Chalhoub (2001), a concepção que as classes dominantes brasileiras do final do século XIX tinham dos libertos era, em grande parte, uma construção ideológica que tinha como objetivo atender às necessidades desta mesma classe. E quais eram essas necessidades? Controlar e disciplinar a força de trabalho desses libertos, em um momento de transição para uma nova ordem, a capitalista, no Brasil, principalmente na região Sudeste. Essa população era pensada como despreparada para a vida em sociedade porque, de acordo com o historiador Sidney Chalhoub, a liberdade

[...] não significava para o liberto a responsabilidade pelos seus atos, e sim a possibilidade de se tornar ocioso, furtar, roubar etc. Os libertos traziam em si os vícios de seu estado anterior, não tinham a ambição de fazer o bem e de obter um trabalho honesto e não eram "civilizados" o suficiente para se tornarem cidadãos plenos em poucos meses. Era necessário, portanto, evitar que os libertos comprometessem a ordem, e para isso havia de se reprimir os seus vícios. (CHALHOUB, 2001, p. 68)

A concepção de que os libertos não estavam preparados para o trabalho e muito menos para serem proprietários de terras – usando como justificativas os discursos que apontavam os negros e mulatos como "ociosos", "vadios" e "ladrões", comportamentos e atitudes considerados "vícios" herdados dos séculos de cativo (CHALHOUB, 2001, p. 68).

Essa concepção recebeu a contribuição de manuais e livros que apresentavam modelos evolucionistas e social-darwinistas europeus que chegaram ao Brasil a partir dos anos 70 do século XIX. Esse discurso científico, amplamente utilizado pela política imperialista europeia em outros continentes, foi usado pela elite brasileira para justificar o atraso do Brasil em relação ao mundo ocidental, e novas formas de inferioridade (SCHWARCZ, 1993, p. 28). Essas novas formas de inferioridade e reconhecimento de diferenças, de acordo com Lilia Moritz Schwarcz (1993), estavam direcionadas para os negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos, considerados "classes perigosas" no final do império e que permaneceram, mesmo após a transição do regime monárquico para o republicano no país. Esse discurso, respaldado pela ciência através da perspectiva social-darwinista, que desqualificava os negros, tinha como objetivo o afastamento dessa população dos principais

postos de trabalho, em um momento de mudança do trabalho escravo para o trabalho assalariado, que está sendo preenchido pelo imigrante, principalmente o europeu. Segundo Carlos Hasenbalg (2005), negros e mulatos foram afastados dos setores de emprego mais dinâmicos, não por pressão dos trabalhadores brancos, mas pelos empresários urbanos e fazendeiros, que não empregavam os negros, preferindo os brancos. A maioria dos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil em busca de uma vida melhor, fugindo de uma situação de fome e miséria em seus países de origem, não possuía habilidades ou qualificações especiais, nem dispunha de recursos econômicos ou educacionais específicos permanecendo sem direitos, dentro do modelo oligárquico da Primeira República. Mesmo assim, eram escolhidos para os postos de trabalho pela preferência e preconceito dos fazendeiros e empresários dos centros urbanos, enquanto que para os negros e mulatos sobravam o desemprego ou empregos em serviços não qualificados. (HASENBALG, 2005, p. 224).

Em seu livro *O espetáculo das raças*, a historiadora afirma que o Brasil passou a utilizar, a partir dos anos 70 do século XIX, um discurso científico evolucionista "como modelo de análise social, que explicava o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental" e que "[passava] a explicar novas formas de inferioridade [...]" (SCHWARCZ, 1993, p. 28). De acordo com Lilia Moritz Schwarcz:

No caso brasileiro, a "sciencia" que chega ao país em finais do século não é tanto uma ciência de tipo experimental, [...] O que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas originalmente popularizados enquanto justificativas teóricas de práticas imperialistas de dominação. [...] a monarquia brasileira tencionava diferenciar-se das demais repúblicas latino-americanas aproximando-se dos modelos europeus de conhecimento e civilidade. (SCHWARCZ, 1993, p.30)

Negros e mulatos, principalmente, continuaram sendo vistos como raças inferiores que contribuíam para o atraso brasileiro. E quais foram os discursos científicos usados para respaldar as afirmações de que negros e mulatos eram perigosos e degenerados? E em que momento, esses discursos chegaram ao Brasil? Os modelos evolucionistas e social-darwinistas que foram absorvidos no Brasil e usados para explicar o atraso brasileiro em relação às nações europeias, reconhecer diferenças e determinar inferioridades, originaram-se de teorias raciais que vieram da Europa e Estados Unidos. Portanto, se faz necessário uma abordagem da história das origens dessas teorias, que chegaram ao Brasil no século XIX. Deste modo, começaremos a entender o contexto histórico a partir do qual emergiu a literatura de Lima Barreto.

1.1 O debate racial na Europa oitocentista

De acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, o período das Grandes Navegações permitiu que o reconhecimento da diferença entre os homens, se torne um tema persistente de debates e reflexões, e nas narrativas de viagem, que uniam fantasia a realidade, esses "novos homens" eram geralmente descritos, pelos seus costumes, como estranhos (1993). A filosofia da Ilustração no século XVIII, transformou a imagem de Éden atribuída à América, e que foi um dos fatores que presidiu a conquista do continente pelos europeus, principalmente em relação à colonização hispânica (VENTURA, 1991, p. 22), formando

um novo discurso sobre o homem e a natureza americanos, marcado pela negatividade. Esse discurso, que rompe com a projeção da imagem do Éden sobre o Novo Mundo, legitima a expansão colonial europeia, encarregada de difundir as "luzes" da Europa civilizada. A ideia da "inferioridade" do meio americano e da "fraqueza" de suas formas de vida se difundiu no pensamento europeu do século XVIII, com Buffon, De Pauw e Raynal. Tal ideia teve, como principal antecedente, as posições de Montesquieu sobre os tipos de clima e as formas de lei e governo, [...] (VENTURA, 1991, p. 22)

Em o *Espírito das leis* (1748), Montesquieu afirma que existem "princípios que governariam as leis e costumes, válidos tanto na América quanto na Europa" (VENTURA, 1991, p. 19). Esses princípios chamados de "leis naturais" foram relacionadas ao físico do país; ao tipo de clima, se frio, tórrido ou temperado; ao terreno, sua qualidade, situação e grandeza; ao gênero de vida dos povos. Montesquieu construiu uma teoria climática e, ao contrário de Rousseau, não considerava importante o contrato social, voltando suas reflexões para os tipos de sociedade e suas regras objetivas, usando a sua teoria climática para explicar a diversidade de costumes e leis (VENTURA, 1991, p. 19).

Ao aplicar a sua teoria climática em relação à escravidão, Montesquieu afirma que os povos das regiões de clima quente – e influenciados por ele – seriam mais fracos e covardes, aceitando mais facilmente a escravidão. Essas regiões, de acordo com Montesquieu, seriam a Ásia, apenas algumas áreas excessivamente quentes, e a África, de clima tórrido. Já os povos de regiões de clima temperado, localizados na Europa, seriam mais corajosos e portanto, livres. Sobre a América, Montesquieu é ambíguo em sua opinião, pois divide o continente em duas áreas: uma próxima ao equador, local da sede dos impérios do México e Peru, chamados por ele de despóticos; a outra área, de terras férteis, povoada por "pequenos povos livres". (VENTURA, 1991, p. 20-21).

Embora Montesquieu defenda a existência de uma igualdade natural entre todos os homens, condenando o cativo,

o seu modelo climático justifica a escravidão nas sociedades extra-europeias a partir de condições ambientais. A tensão entre as ideias ilustradas e a sua aplicação no ultramar legitima o sistema colonial pela crença na superioridade da Europa sobre os demais povos. (VENTURA, 1991, p. 21)

Foi a partir da segunda metade do século XVIII, que as imagens negativas da América se intensificaram, consequência de um conhecimento e colonização maiores do continente. A visão de Rousseau afirmando a inocência do selvagem, modifica-se para a afirmação de sua inata maldade e da decadência de todas as espécies do continente americano.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993), diversos pensadores concordaram com essa visão negativa da América, mas dois se destacaram mais: o naturalista francês, George Louis Leclerc de Buffon e o jurista Cornelius de Pauw.

Uma das obras importantes no final do século XVIII, para a formação da antropologia e da ciência geral do homem, foi a *Histoire naturelle de l'homme* de Buffon. Os primórdios dessa formação estão marcados pela "tensão entre a imagem negativa do homem e da natureza americanos, de que Montesquieu e Buffon são exemplos, e a imagem positiva de um estado natural, representado pela filosofia de Rousseau." (VENTURA, 1991, p. 23).

Ao fundar sua filosofia da história, Rousseau afirmou a superioridade do "homem natural" e de

seu equivalente histórico – o selvagem – sobre o civilizado europeu. No *Discours sur l'origine de l'inégalité* [Discurso sobre a origem da desigualdade], pensou o homem natural de forma abstrata, como ser isolado, anterior à instituição do contrato social e da desigualdade entre os homens. Próximo do estado natural, o selvagem é visto como alternativa ao homem civilizado, vítima da degradação histórica do Ocidente, fundando o mito do retorno às 'origens' e o ponto de vista anti-histórico da literatura romântica e da moderna antropologia. (VENTURA, 1991, p. 23)

A tensão entre a imagem negativa do homem e da natureza do continente americano, defendida por Montesquieu e Buffon, e a imagem positiva existente na filosofia de Rousseau, originou o debate científico e a inferioridade dos povos não-brancos, que marcou a cultura brasileira do século XIX. (VENTURA, 1991, p. 23).

O naturalista Buffon rompeu com a visão de paraíso de Rousseau, ao classificar o continente americano "sob o signo da carência." (SCHWARCZ, 1993, p. 46). Os seres humanos, plantas e animais da América foram inferiorizados pela tese da debilidade e

imaturidade afirmada por Buffon. "Por meio da obra desse naturalista, uma concepção étnica e cultural estritamente etnocêntrica delineava-se." (SCHWARCZ, 1993, p. 46).

O jurista Cornelius de Pauw introduziu a noção de "degeneração" radicalizando as afirmações de Buffon, dando um novo significado a esse termo, que antes era aplicado a espécies consideradas inferiores, e por isso chamadas de degeneradas "[por serem] menos complexas em sua conformação orgânica." (SCHWARCZ, 1993, p. 46). O termo passa, então, a descrever um desvio patológico do tipo original, e não mais a se referir a mudança de forma. De Pauw afirmava que os americanos não eram apenas "imatuross", mas "decaídos" também. (SCHWARCZ, 1993, p. 46).

Segundo Roberto Ventura, De Pauw

considerava os selvagens uma raça inferior devido a um vício de constituição e aos efeitos do clima, responsável pela depravação tanto dos nativos, quanto dos europeus transplantados. Inspirado em Buffon, levou ao extremo a degeneração dos seres vivos na América, que aplicou ao homem, sem restringir sua validade para os animais e vegetais. (VENTURA, 1991, p. 26)

O surgimento do termo "raça" foi introduzido por Georges Cuvier no início do século XIX, estabelecendo entre os diversos grupos humanos, a ideia de heranças físicas permanentes. A partir desse momento, inicia-se uma reorientação intelectual que fazia oposição a visão de igualdade humana – que tem sua origem na Ilustração – direcionando-a na ideia de raça, aproximando-a da noção de povo, e surgindo assim o discurso racial em que o indivíduo é o resultado dos atributos específicos de sua raça. (SCHWARCZ, 1993, p. 47). Essa oposição entre o modelo de igualdade da Ilustração e as doutrinas raciais fazia parte dos debates de duas grandes vertentes que pensavam sobre as origens da humanidade, e do qual faziam parte diversos autores do século XIX: o monogenismo e o poligenismo.

A visão monogenista dominou os debates até meados do século XIX, do qual fizeram parte a maioria dos autores que defendiam que o homem teria uma origem comum, de acordo com as escrituras bíblicas, e os diferentes tipos humanos, como um resultado que "iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração) –, sem pressupor, num primeiro momento, uma noção de evolução." (SCHWARCZ, 1993, p. 48).

A partir de meados do século XIX com o desenvolvimento cada vez maior das ciências biológicas e da contestação do dogma monogenista da Igreja, a visão poligenista transformou-se em uma nova alternativa para os autores que defendiam "a existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas." (SCHWARCZ, 1993, p. 48). Essa visão poligenista permitiu que os comportamentos

humanos passassem a ser entendidos e explicados por leis biológicas e naturais. O surgimento de teorias como a frenologia e antropometria, que estudavam o tamanho e proporção dos cérebros de diferentes povos, contribuíram para o fortalecimento da hipótese poligenista. (SCHWARCZ, 1993, p. 48).

O desenvolvimento cada vez maior de estudos que seguiam modelos deterministas, possibilitaram o surgimento da antropologia criminal, que afirmava "ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário" (LOMBROSO apud SCHWARCZ, 1993), e portanto, suas características poderiam ser identificadas nas diferentes sociedades. Essas pesquisas influenciaram também o campo da doença mental, e a utilização da frenologia serviu de base "para a justificação de métodos de tratamento 'moral' sobre o indivíduo e para o estabelecimento de conclusões que traçavam as ligações entre a loucura individual e a degeneração de cunho nacional." (SCHWARCZ, 1993, p. 49).

A oposição entre monogenistas e poligenistas possibilitaram o surgimento de disciplinas como a antropologia, voltada nesse momento, para a análise biológica do comportamento humano, e a etnologia, ligada a tradição humanista de Rousseau, além da criação de sociedades rivais, como a "Sociedade Anthropologica de Paris", fundada em 1859 por Paul Broca, um famoso anatomista e craniologista que defendia as teorias poligenistas. Para Broca, era a partir dos estudos do crânio que

se poderia comprovar a inter-relação entre inferioridade física e mental. O objetivo era, dessa maneira, chegar à reconstrução de 'tipos', 'raças puras', já que se condenava a hibridação humana, em função de uma suposta esterilidade das 'espécies miscigenadas'. Broca e seus colegas da 'Escola Craniológica Francesa' [...], adeptos da interpretação poligenista, acreditavam na tese da 'imutabilidade das raças', traçando, inclusive, paralelos entre o exemplo da não-fertilidade da mula e uma possível esterilidade do mulato. (BROCA apud SCHWARCZ, 1993)

A publicação da obra de Charles Darwin, *A origem das espécies*, em 1859, diminuiu as disputas entre poligenistas e monogenistas tornando-se um paradigma para as duas interpretações, pois ambas assumiram o modelo evolucionista, atribuindo também ao conceito de raça questões de cunho político e cultural e não só relacionadas a biologia. (SCHWARCZ, 1993, p. 55). Ao pesquisar mudanças em espécies animais e vegetais, Darwin afirmava em sua obra: "Dei o nome de seleção natural ou de persistência do mais capaz à preservação das diferenças e das variações individuais favoráveis e a eliminação das variações nocivas". (DARWIN apud SCHWARCZ, 1993).

O livro de Darwin alcançou um grande público, por usar de uma linguagem acessível e conceitos como "competição", "seleção do mais forte", "evolução", e "hereditariedade", foram

utilizados em diversos ramos do conhecimento: na psicologia, linguística, pedagogia, na literatura naturalista "com a introdução de personagens e enredos condicionados pelas máximas deterministas da época, para não falar da sociologia evolutiva de Spencer e a história determinista de Buckle." (SCHWARCZ, 1993, p. 56). Os conceitos mais importantes de *A origem das espécies* foram interpretados de outro modo ao serem aplicados para a análise do comportamento das sociedades humanas, e reforçaram as afirmações de que determinados grupos humanos eram naturalmente superiores, por serem mais evoluídos do que outros grupos. (LOPES, 2007, p. 27).

A aplicação do darwinismo, em relação a política, serviu de justificativa para o imperialismo europeu nos continentes africano e asiático, além de afirmar a superioridade dos povos da Europa, considerados mais fortes e adaptados para sobreviverem. A cultura passou a ser vista sob uma ótica evolucionista pelos antropólogos culturais, também chamados de evolucionistas sociais.

De acordo com os evolucionistas sociais:

Civilização e progresso, termos privilegiados da época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. [...] a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas. Esses estágios, entendidos como únicos e obrigatórios – já que toda a humanidade deveria passar por eles –, seguiam determinada direção, que ia sempre do mais simples ao mais complexo e diferenciado. Tratava-se de entender toda e qualquer diferença como contingente, como se o conjunto da humanidade estivesse sujeito a passar pelos mesmos estágios de progresso evolutivo. (SCHWARCZ, 1993, p. 57-58)

Junto ao evolucionismo social, duas grandes escolas deterministas tornaram-se influentes: a escola determinista geográfica, que defendia a tese de que o meio seria o responsável pelo desenvolvimento cultural de uma nação, e a escola determinista de cunho racial, denominada de "darwinismo social" ou "teoria das raças", que via a miscigenação de forma negativa. Para os defensores dessa escola

as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de "tipos puros" – e portanto não sujeitos a processos de miscigenação – e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social. (SCHWARCZ, 1993, p. 58)

Os autores que defendiam o darwinismo social partiram de três proposições básicas, amparadas nos ensinamentos de uma antropologia de modelo biológico, que conduziu a afirmações sobre a submissão ou possível eliminação das raças consideradas inferiores. Essas afirmações converteram-se em uma prática do darwinismo social chamada de "eugenia",

termo criado pelo cientista britânico Francis Galton⁷ em 1883, cuja meta era intervir na reprodução das populações." (SCHWARCZ, 1993, p. 60). Em seu livro *Hereditary genius*, Galton defendia os impedimentos a uniões inter-raciais, restrições direcionadas aos alcoólatras, epiléticos e alienados, com o objetivo do melhoramento genético das populações ou a indentificação das "características físicas que apresentavam grupos sociais indesejáveis" (GALTON apud SCHWARCZ, 1993).

De acordo com os autores darwinistas sociais, "o progresso estaria restrito as sociedades 'puras', livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória." (SCHWARCZ, 1993, p. 61). Esses autores afirmavam que

o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase imediato, de sua conformação racial pura. A evolução europeia, e em especial o tipo ariano, representaria para pensadores como Gobineau um caso extremo em que o apuro racial teria levado a um caminho certo rumo à civilização. (SCHWARCZ, 1993, p. 61)

O conde Arthur de Gobineau, foi o autor do *Enssai sur l'inegalité des races humaines* (1853), que de acordo com Roberto Ventura (1991), foi a suma do racismo moderno, e introduziu a noção de "degeneração da raça" que seria o resultado final "da mistura de espécies humanas diferentes". (SCHWARCZ, 1993, p. 63). Para Gobineau, a mistura de raças era sempre negativa e os mestiços, considerados por ele como uma "sub-raça decadente e degenerada". (GOBINEAU apud SCHWARCZ, 1993, p.64)⁸. Gobineau esteve no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro de 1869 a 1870, como representante do governo francês e em sua correspondência, chamou a população brasileira de

multidão de macacos, composta de mulatos que apenas comprovariam suas ideias pessimistas sobre a degeneração dos mestiços e a decadência da civilização. Como única exceção à barbárie e incultura local, menciona a figura solitária do imperador ilustrado, d. Pedro II, leitor e admirador de suas obras. (VENTURA, 1991, p. 31).

⁷ O cientista britânico Francis Galton, após ler *A origem das espécies*, escreveu seu primeiro ensaio na área da hereditariedade humana em 1865. Em 1869, Galton publicou o livro *Hereditary genius*, que é considerado até hoje, o texto fundador da eugenia. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 60.

⁸ De acordo com a historiadora Lilian Moritz Schwarcz, Gobineau não conseguiu muitos adeptos para as suas teorias em uma Europa que caminhava para o fim do século XIX. Para esse continente, a miscigenação não era uma realidade, mas um prognóstico, ao contrário de outras sociedades, como a brasileira, formada em sua maioria por uma população negra escravizada ou de libertos. (SCHWARCZ, 1993, p. 64).

1.2 O racismo e o caso brasileiro

No Brasil, a miscigenação era uma realidade e não um "exercício de imaginação". (SCHWARCZ, 1993, p. 64). A interpretação do darwinismo social foi utilizado para explicar diferenças e hierarquias, mas depois de alguns rearranjos teóricos, foi possível pensar na formação de uma nação mestiça. (SCHWARCZ, 1993, p. 63). E de que forma ocorreram esses rearranjos teóricos? Os intelectuais brasileiros do fim do século XIX que integravam alguns centros de ensino e pesquisa nacionais, como os institutos históricos, os museus etnográficos e as faculdades de direito e medicina, acolheram as teorias raciais que chegaram tardiamente ao Brasil, sem condenar a miscigenação. (SCHWARCZ, 1994, p. 139). E por que esses intelectuais, que eram um "misto de cientistas e políticos, pesquisadores e literatos," (SCHWARCZ, 1994, p. 139), ao aceitarem as teorias raciais que vieram da Europa, excluíram a condenação à miscigenação?

Para os intelectuais brasileiros do fim do século XIX e início do século XX, aceitar todo o conjunto de modelos evolucionistas gerava uma situação incômoda, pois significava admitir que o Brasil, uma nação de raças mistas, tinha como destino a "degeneração não só do indivíduo como de toda a coletividade." (SCHWARCZ, 1994, p. 138). Segundo o autor Roberto Ventura

[...]o racismo científico se tornou moeda corrente no debate político e cultural brasileiro no último quartel do século XIX, redefinido e adaptado às condições locais. Desse processo de ajuste das "importações ideológicas", resultaram modelos de pensamento, como a ideologia do branqueamento e da miscigenação, como tentativa de eliminar a contradição entre a realidade étnica brasileira, o racismo científico e liberalismo progressista (VENTURA, 1991, p.62).

Intelectuais como Joaquim Nabuco, João Batista de Lacerda, Sílvio Romero e Afrânio Peixoto, concordaram com a premissa básica do racismo – a superioridade da raça branca – defendendo "[...]a mestiçagem como mecanismo de assimilação racial dos grupos inferiores, de modo a escapar à armadilha determinista de Buckle, Gobineau e Agassiz⁹, em que o Brasil

⁹ O naturalista suíço Louis Agassiz (1807-1873) fez carreira nos Estados Unidos, na Universidade Harvard, onde fundou o Museu de Zoologia Comparada, era um adversário de Charles Darwin e foi à época, referência principal do pensamento criacionista cristão. Para Agassiz, a humanidade era fruto da criação divina e formada por diferentes espécies, independentes e nunca mescláveis entre si. O naturalista rejeitava as teorias de Darwin a respeito da origem e evolução da vida, e defendia a teoria da degeneração, matriz do racismo científico, que afirmava que a miscigenação era o principal fator da degeneração das raças humanas. Agassiz veio ao Brasil na Expedição Thayer, entre 1865 e 1866, em busca de comprovações para as suas teorias, e fotografou dezenas de pessoas nuas nas cidades do Rio de Janeiro e Manaus. GRIMBERG, Keila. *O racismo de Louis Agassiz*.

seria condenado ao atraso e à barbárie" (VENTURA, 1991, p. 62-63). Os intelectuais afirmavam que a miscigenação

produziria uma população mais clara, pois os brancos seriam parceiros sexuais mais procurados, de gene mais forte, [...] Essas suposições, aliadas a pretensa baixa taxa de natalidade e à maior incidência de doenças entre os afrobrasileiros, levavam à previsão do rápido desaparecimento das raças inferiores. (VENTURA, 1991, p. 62).

Sílvio Romero e João Batista de Lacerda acreditavam que o negro, o indígena e o mestiço desapareceriam rapidamente através do branqueamento. A imigração europeia foi pensada e incentivada como um caminho para a aceleração do branqueamento da população brasileira, através da incorporação de etnias consideradas superiores. Ventura (1991) alerta para o ideal europeizante do programa de imigração que estabeleceu em uma cláusula do decreto de 1890, a proibição para a entrada no Brasil, de populações da Ásia ou da África¹⁰. O decreto estabelecia: "É inteiramente livre a entrada nos portos da República dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país." (VENTURA, 1991, p. 63). Nesse decreto havia uma cláusula que "excluía os indígenas da Ásia ou África". (VENTURA, 1991, p. 63). Os imigrantes desses dois continentes só deveriam ser admitidos no Brasil com autorização do Congresso. (VENTURA, 1991, p. 63).

As ideias de Sílvio Romero sobre a mestiçagem, embora desqualificassem completamente o mestiço, considerava-o "um ganho evolutivo" (ROMERO apud VENTURA, 1991) porque teria contribuído ajudando o colonizador branco em sua adaptação aos trópicos e na incorporação do negro e do indígena à civilização. Segundo Romero, a mistura entre portugueses, negros e imigrantes transformaria a população brasileira, em três ou quatro séculos, em uma população branca e homogênea, pois de acordo com as leis evolucionistas, a vitória do branco era inevitável. (ROMERO apud VENTURA, 1991). A partir de 1900, a confiança de Sílvio Romero no progressivo branqueamento da população brasileira foi abalada e suas posições mudaram devido as decepções políticas que sofreu, e então passou a considerar a mestiçagem um erro aceitando as teorias arianistas que havia rejeitado no passado. Para Romero, os mestiços "tomados em totalidade são fundamentalmente inferiores,

Instituto Ciência Hoje. 11 e dezembro de 2009. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/coluna/o-racismo-de-louis-agassiz/>>. Acesso em 11 de maio de 2019 e HAAG, Carlos. *As fotos secretas de Louis Agassiz*. Revista Pesquisa FAPESP. FAPESP, São Paulo: Edição 175, p. 80-85, setembro de 2010. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/09/04/as-fotos-secretas-do-professor-agassiz/>>. Acesso em 11 de maio de 2019.

¹⁰ De acordo com Roberto Ventura, os grupos asiáticos, em particular os japoneses, só começaram a chegar ao Brasil no início do século XX, quando a imigração europeia em larga escala, se tornou problemática. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 63.

como robustez, ao negro e ao branco, como inteligência e caráter, ao branco, sem a menor dúvida." (ROMERO apud VENTURA, 1991).

1.3 Condição biográfica: João Henriques e Amália Augusta

O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, um dos quatro filhos do casal João Henriques e Amália Augusta de Lima Barreto, sofreu durante toda a sua vida as consequências das teorias deterministas e raciais que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX. Filho de um culto tipógrafo, João Henriques de Lima Barreto e de uma professora, Amália Augusta, ambos mulatos como o filho, Lima Barreto

[...] nasceu em uma conjuntura de mudança. Ainda menino viu o império ruir, dando lugar a uma república, onde as estruturas sociais hierárquicas tradicionais assumiam novos conteúdos e feições, com o fim de reproduzir a desigualdade não mais fundada na escravidão. [...] na prática a república brasileira resultaria de uma recomposição oligárquica, pautada nas estruturas básicas da formação econômico-social brasileira. O setor agroexportador da economia continuou a comandar o processo, fazendo com que as deformações e arbitrariedades do poder local se reproduzissem no autoritarismo do estado e na venalidade do exercício da administração pública e do sistema eleitoral (ANGELIM, 2008, p. 26).

O escritor Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881, exatamente nos mesmos dia e mês da abolição da escravidão, mas sete anos antes. Embora o movimento abolicionista fosse penetrando no cotidiano dos brasileiros, o sistema escravocrata ainda estava naturalizado no império e era defendido por muitos. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz em seu livro *Lima Barreto: triste visionário*:

De tão naturalizada, a escravidão não era privilégio de grandes proprietários. Os monarcas, mas também pequenos roceiros, negociantes, taberneiros, profissionais liberais, padres, comerciantes, e por vezes até escravos possuíam cativos. A escravidão entrou em cheio nas casas privadas e nos negócios públicos do Estado; nas cidades e no campo; no comércio e na burocracia. [...] O escravismo era, sobretudo um bom negócio. Mas era mais do que isso; ele moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e de cor dois marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita. (SCHWARCZ, 2017, p. 29)

A escravidão criou uma linguagem social no Brasil com graves consequências, e que atingiu a família de Lima Barreto e a sua literatura, levando o escritor a jamais "[abrir] mão de

denunciar as mazelas da escravidão no Brasil, os mecanismos de humilhação, bem como as diversas formas de racismo por aqui vigentes e também de luta e resistência de diferentes maneiras dos afro-brasileiros." (SCHWARCZ, 2017, p. 26) Assim como o escritor, os seus pais também foram um exemplo dessa luta e resistência na cidade do Rio de Janeiro.

A mãe de Lima Barreto Amália Augusta, era filha de uma escrava alforriada Geraldina Leocádia da Conceição e neta da escrava Maria da Conceição. Amália Augusta foi criada pela família Pereira de Carvalho e o Dr. Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, seu padrinho, que supostamente era seu pai, nunca assumiu a relação. Contando com o apoio financeiro do padrinho, Amália Augusta tornou-se professora e diretora de uma instituição para moças. A importância da educação para muitos jovens afrodescendentes, representava um meio de acesso à liberdade não só jurídica, mas social também. O regime monárquico estabeleceu desde a Constituição de 1824 a gratuidade da instrução primária aos cidadãos e a reforma eleitoral de 1882, acabou com o voto censitário mas para o pleno exercício dos direitos políticos, o critério da alfabetização foi mantido. (SCHWARCZ, 2017, p. 38).

Os Pereira de Carvalho eram da região de São Gonçalo e a avó de Lima Barreto foi alforriada quando a família se mudou para o Rio de Janeiro. Apesar de terem concedido a alforria a todos os seus escravos, a família Pereira de Carvalho manteve os libertos por perto porque essa condição previa, de certo modo, um sentimento de fidelidade ao antigo senhor, e muitos escravos libertos permaneceram juntos aos seus ex-proprietários ligados por esse sentimento e não apenas por não terem condições de sobreviverem por si próprios. Escravos domésticos, por estarem mais próximos da intimidade de seus proprietários, tinham mais chances de conseguir a liberdade, porém ao continuarem ligados aos seus antigos senhores, o que também ajudava na inserção social dos chamados "ingênuos"¹¹, os laços de servidão eram mantidos e criavam-se novas formas de dependência. A avó de Lima Barreto, Geraldina Leocádia e seus filhos, são um exemplo dessa dependência. A mãe de Lima, Amália Augusta, recebeu uma educação muito diferenciada das demais jovens afrodescendentes de sua geração, tornando-se professora, mas permanecendo sob a órbita de influência dos Pereira de Carvalho. A libertação era entendida pelos proprietários de escravos e pelo Estado como "uma espécie de presente; desses que se 'recebem' e que 'impõem' a obrigação de demonstrar

¹¹ De acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, após a Lei do Ventre Livre de 1871 que libertava os filhos de escravas nascidos a partir da data da sua promulgação, criaram-se nomes para classificar os indivíduos recém libertados, além de darem-se novos sentidos a palavras que já existiam. Essas classificações sociais estavam ligadas ao costume de evitar a determinação da idade certa dos jovens escravos, ao mesmo tempo que reforçava a ideia de que esses ex-cativos precisavam ser "tutelados" pelos seus ex-proprietários. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 31.

gratidão e retribuir." (SCHWARCZ, 2017, p. 40). Esses sentimentos de gratidão e retribuição contribuiu para a manutenção de uma dependência aos antigos proprietários de escravos.

O exemplo da mãe de Lima Barreto, ajuda a confirmar a continuidade dessa dependência e também a importância da educação para o acesso à liberdade jurídica e social também. O apoio financeiro do seu padrinho, o médico Manuel Feliciano Pereira de Carvalho foi muito importante para o seu acesso ao magistério, que a afastou dos libertos mais recentes, das atividades domésticas, relacionadas as mulheres afrodescendentes e de abusos sexuais, colocando-a no caminho da ascensão social. Amália Augusta se tornou diretora de uma instituição para moças, o modesto Colégio Santa Rosa, fundado por ela e seu esposo, João Henriques. O pai de Lima Barreto, o tipógrafo João Henriques, também recebeu o auxílio de uma figura influente do império para ter uma formação profissional: o monarquista e conservador Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto.

Filho de uma escrava, Carlota Maria dos Anjos e de um português do ramo de madeiras – que tinha um estabelecimento localizado na rua da Misericórdia – João Henriques nasceu livre, assim como a esposa. A paternidade do pai do escritor não foi assumida, o que não era uma situação incomum, em uma sociedade na qual foi implementada o modelo de colonização escravocrata, que impôs às mulheres indígenas e africanas discriminações e abusos sexuais, ao mesmo tempo em que as mulheres brancas eram confinadas dentro de casa para que se mantivessem puras, controladas e dedicadas apenas ao lar. A exploração sexual das mulheres escravizadas passou a ser "identificada com situações 'extraconjugais', como os adultérios, concubinatos e mesmo prostituição." E portanto, tolerada e "aceita" por uma sociedade que ainda vivia as consequências de um passado escravocrata. (SCHWARCZ, 2017, p. 42). Lima Barreto em sua obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, denuncia o modo como as mulheres afrodescendentes eram vistas pelos homens (e ainda são) após a abolição, mesmo nos primeiros anos da República, através das memórias do personagem, Isaías. Ao conversar com o arrogante diretor do jornal "O Globo", Ricardo Loberant, respondendo-lhe perguntas sobre sua vida, o jovem contínuo Isaías toma contato com uma triste realidade.

Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu íntimo pensamento mais tarde. Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, pianistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos políticos; as

mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas. (BARRETO, 1998, p. 157-158)

No trecho selecionado acima, através das memórias do personagem Isaías, Lima Barreto denuncia o racismo presente no comportamento e nas atitudes da maioria dos intelectuais brasileiros do início do século XX, impregnadas pelas teorias deterministas e raciais aprovadas pela ciência. Negros e mulatos eram considerados como malandros, vadios, degenerados, com "vícios" herdados de séculos de escravidão que os impediria de se dedicarem a profissões em que o desenvolvimento constante do intelecto é importante. Os poucos negros e mulatos que conseguiam, com ajuda ou não de pessoas influentes na sociedade da época, alcançar depois de muitos obstáculos, uma posição de destaque através de uma atividade profissional de visibilidade, eram reconhecidos sempre como submissos, obedientes a políticos da época, os "fósforos dos políticos"¹². Os que não se encaixavam nessa situação de dependência e submissão eram vistos com desconfiança ou como um fato digno de surpresa e curiosidade, como o personagem Isaías Caminha. Em relação as mulheres afrodescendentes, Lima Barreto é direto ao afirmar que elas são "naturalmente fêmeas", destinadas a serem vistas sempre como objetos sexuais ou como explica a escritora Grada Kilomba "a mulher negra é o Outro do Outro"¹³, sem visibilidade na sociedade e sem direitos (KILOMBA apud RIBEIRO, 2019). Desse modo, era inviável para um senhor assumir uma relação oficial com uma escravizada e reconhecer a paternidade de um filho, fruto dessa relação. O pai de João Henriques nunca o reconheceu como filho, e sua mãe, morreu de embolia cerebral aos 49 anos de idade. Seguindo caminho semelhante ao da futura esposa, Amália Augusta, João Henriques também buscou a emancipação jurídica e social através da educação. Concluiu os estudos básicos no Instituto Comercial do Rio de Janeiro¹⁴, que

¹² A expressão é usada por Lima Barreto em seu livro *"Recordações do escrivo Isaías Caminha"*, e consta também do trecho 7, retirado do livro e utilizado nessa dissertação de Mestrado. BARRETO, Afonso Henriques de. *"Recordações do escrivo Isaías Caminha"*. São Paulo: Ática, 1998, p. 158.

¹³ A escritora Grada Kilomba, aprofunda-se nas reflexões sobre a mulher negra a partir do desenvolvimento da categoria do Outro, cunhada no livro *O segundo sexo* da filósofa francesa Simone de Beauvoir. Nessa obra Beauvoir mostra em sua análise que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem, que a coloca em uma posição de submissão que estabelece significações hierarquizadas. Para Simone de Beauvoir, a mulher é o Outro por não ter reciprocidade do olhar do homem. Para Grada Kilomba a mulher negra é o Outro do Outro, uma posição que a coloca num local de reciprocidade mais difícil. Kilomba afirma que as mulheres negras "ocupam um lugar muito difícil na sociedade suprematista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade." (KILOMBA apud RIBEIRO, 2019). De acordo com esse ponto de vista, o status das mulheres brancas é oscilante, pois são mulheres e brancas; a mesma análise é feita em relação aos homens negros, que são negros, mas homens. Nessa perspectiva, mulheres negras não são nem brancas e nem homens, e teriam a função de serem o "Outro do Outro". RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019, p. 35-38.

¹⁴ O Instituto Comercial do Rio de Janeiro que era antes denominado Aula de Comércio da corte, foi fundada nos tempos de d. João em 1809, e transformada em Instituto Comercial do Rio de Janeiro pelo decreto nº 1763 de 14 de maio de 1856, expedido em virtude de um outro decreto do dia 9 de agosto de 1854, que autorizou sua

começou a funcionar no ano de 1858 no edifício do externato do Colégio Pedro II. O externato tinha uma entrada separada para os alunos do Instituto Comercial, que confirmava as diferenças sociais existentes, pois o Colégio Pedro II formava principalmente, as elites do Império brasileiro, o que não era bem o perfil social dos alunos do Instituto, que eram em sua maioria, indivíduos originários de camadas mais humildes da sociedade, como o pai de Lima Barreto. (SCHWARCZ, 2017, p. 43)

O Instituto Comercial era uma escola técnica voltada para aqueles que buscavam um emprego especializado e a formação necessária para o ingresso no ensino superior, o que não foi possível para João Henriques, que se graduou e obteve algum conhecimento de línguas estrangeiras no Curso Comercial do Imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, criado em 1882, com o objetivo de solucionar a evasão de alunos e as falhas do ensino comercial-profissionalizante. Esse curso era noturno e gratuito, o que atraiu muitos alunos que não possuíam condições financeiras e precisavam trabalhar para se sustentarem. A formação de João Henriques foi concluída na Tipografia do Imperial Instituto Artístico, que funcionava desde 1860, de propriedade dos irmãos Fleiuss, que empregava os alunos a partir do segundo ano de curso para que trabalhassem nas revistas da própria Tipografia, recebendo por essa atividade uma modesta gratificação. Como afirma Lilia Moritz Schwarcz: "Não era muito, mas o valor cobria os primeiros gastos e dava aos alunos a confortável sensação de fazer parte do mercado profissional." (SCHWARCZ, 2017, p. 45). As publicações da Tipografia foram encerradas com a morte dos fundadores, em abril de 1878, ano do casamento dos pais de Lima Barreto.

Graças à formação que recebeu, através do estudo, e a influência do padrinho Afonso Celso, João Henriques conseguiu uma vaga para trabalhar na Tipografia Imperial, que depois tornou-se Tipografia Nacional. Com esse emprego João Henriques sentiu-se seguro para continuar com o compromisso de casamento com Amália Augusta que ele havia conhecido ao frequentar a casa dos Pereira de Carvalho, por causa de seu padrinho, Afonso Celso, que era próximo da família do médico Manuel Feliciano. O grande desejo do pai de Lima Barreto era

cursar a Faculdade de Medicina e virar 'doutor'; aliás, situação material e simbólica que muitos almejavam durante o Império. Mas, dada sua posição social, um curso e emprego técnicos compunham melhor o perfil. Talvez por isso o pai de Lima

reforma e acrescentou novos estatutos para o estabelecimento. A Aula de Comércio foi extinta no ano de 1857 por falta de alunos. O Instituto Comercial do Rio de Janeiro também sofreu reorganizações e reformas em seus estatutos para solucionar o problema da falta de alunos, pois o ensino era diurno e pago e os alunos oriundos dos estratos mais pobres da sociedade, tinham dificuldades para pagar as mensalidades; a maioria dos alunos faltava muito as aulas do curso, devido aos trabalhos que eram obrigados a realizarem para a própria sobrevivência. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 43-44.

depositará nos filhos as esperanças de uma formação que ele próprio não logrou: seus rebentos, sim, seriam doutores, e da Politécnica. (SCHWARCZ, 2017, p. 46).

O final do século XIX parecia ser um período de grandes expectativas e possibilidades e o casal Barreto representavam um bom exemplo de emancipação cultural e da educação, que permitiria uma ascensão social e financeira. Lima Barreto usaria o exemplo dos seus pais em sua obra, pois o casal Barreto "[...] pareciam representar um bom exemplo de emancipação pela ação cultural e da educação; uma das molas que impulsionavam a elevação social e financeira." (SCHWARCZ, 2017, p. 48). Para o escritor, faziam parte de suas primeiras lembranças de infância a prática de lecionar de sua mãe e a competência e as iniciativas profissionais de seu pai, permanecendo a "[...] ideia de que a educação e o trabalho profissional igualava a tudo e a todos." (SCHWARCZ, 2017, p. 48-49). Depois da morte de um colega que ocupava o posto de chefe da oficina gráfica do jornal, João Henriques esperava ser indicado para essa vaga, o que não aconteceu. Orgulhoso e decepcionado por não conseguir o posto, o pai de Lima Barreto pediu demissão e com a ajuda do Visconde de Ouro Preto, acabou conseguindo trabalho no periódico *A Reforma*, jornal fundado em 1869, ligado ao Partido Liberal e dirigido pelo próprio Visconde, a partir de 1872. De acordo com a historiadora Lilia Moritz Scharwcz, os Barreto "[...] acumulavam muito talento, mas também favor e proteção. Carregavam, pois, méritos herdados dos dois sistemas: a ascensão burguesa com o protecionismo próprio de sociedades mais estamentais. De toda maneira, possuíam, por certo, expectativas elevadas de ascensão social." (SCHWARCZ, 2017, p. 48-49). O futuro de João Henriques e Amália Augusta parecia certo e próspero, mas infelizmente, a situação do casal Barreto sofreu mudanças. João Henriques teve um surto psicótico antes do casamento, e o seu padrinho, Afonso Celso, internou-o na Casa de Saúde e de Convalescença de São Sebastião localizado no Catete¹⁵. O pai de Lima Barreto permaneceu nessa instituição por seis meses e depois permaneceu um período em Caxambu para completar o tratamento, retornando para o casamento que realizou-se em 17 de novembro de 1878¹⁶. A esse triste episódio, somou-se outro, alguns meses depois do casamento. A mãe de Lima Barreto teve um parto muito difícil, do qual o primeiro filho do casal não sobreviveu e prejudicando a sua saúde até os seus últimos dias de vida. Após o parto, Amália Augusta adquiriu traumatismo e paralisia nas pernas, obrigando-a a usar muletas para sempre. Alguns anos depois, a mãe de Lima

¹⁵ De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, o pai de Lima Barreto sofria de transtorno bipolar. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 58.

¹⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 27-28.

morreria de tuberculose em dezembro de 1887, ficando João Henriques viúvo e com quatro filhos pequenos para criar. Lima Barreto, nesse período tinha apenas seis anos de idade.

Preocupado em sustentar a família, João Henriques passa a trabalhar à noite no jornal *Tribuna Liberal* que era um órgão do Partido Liberal e ligado ao monarquista Visconde de Ouro Preto, Afonso Celso, padrinho de João Henriques. A monarquia brasileira, que teve o seu processo de extinção acelerado após a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, chegou ao fim com o golpe que levou a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, e atingiu a família de Lima Barreto duramente. O pai do escritor, que já era visado por sua ligação com o Visconde de Ouro Preto, trabalhando como tipógrafo na *Tribuna Liberal*, que desde o golpe de 15 de novembro se destacava como órgão de ferrenha e aberta resistência ao republicanismo, foi associado a tudo que estava vinculado ao regime monárquico. Após a Proclamação da República, João Henriques que já desconfiava do fim da *Tribuna Liberal*, não esperou para ser demitido ou presenciar ataques violentos, como o que aconteceu no dia 29 de novembro de 1890 e que resultou na morte do revisor João Ferreira Romariz, seu amigo pessoal. O pai de Lima Barreto, demitiu-se e saiu da *Tribuna* e da *Imprensa Nacional*, onde trabalhou como tipógrafo por doze anos.

1.4 A posição de Lima Barreto diante do debate racial brasileiro de sua época

Desde os tempos em que estudou na escola Politécnica, de 1897 a 1902, Lima Barreto havia se envolvido com o jornalismo, participando da redação de artigos do jornal estudantil, *A Lanterna*, colaborado no jornal humorístico *Tagarela* e no semanário *O Diabo*. Apesar de escrever para jornais e revistas, o objetivo de Lima Barreto era ser reconhecido como escritor. O seu grande projeto literário era ser um escritor da saga dos afrodescendentes, e o escritor queria escrever a "História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade". (BARRETO, 1956, p. 33). Lima Barreto deixou registrado em seu *Diário íntimo*, a partir de 1903, que pretendia, narrar uma história sobre a escravidão no Brasil:

Veio-me à idéia, ou antes, registro aqui uma idéia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão.

Como exija pesquisa variada de impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde.

Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas idéias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira — pudera! — a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me pôr acima delas. Enfim — “une grande vie est une pensée de la jeunesse réalisé par l’âge mûr”, mas até lá, meu Deus!, que de amarguras!, que de decepções!

Ah! Se eu alcanço realizar essa idéia, que glória também! Enorme, extraordinária e — quem sabe? — uma fama européia.

Dirão que é o negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado?

Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertença. Tentarei e seguirei avante. “Alea jacta est”.

Se eu conseguir ler esta nota, daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver! Deus me ajude! (BARRETO, 1956, p. 84)

Lima Barreto desejava que ao escrever essa obra, ela o ajudasse a encontrar o seu lugar na literatura brasileira, e ao mesmo tempo, resgatar a história do negro, e em suas palavras “[...] a minha gente e a parte da raça a que pertença.” (BARRETO, 1956, p. 84). De acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, em seu livro *Lima Barreto: triste visionário*:

Lima, que apostava muito em sua literatura e em seu futuro como escritor, não era um franco atirador. Já nesse contexto tinha a certeza de que “sua cor” e o fato de seus avós terem sido escravizados lhe causavam grande prejuízo social. Segundo ele, eram tais condições que geravam “fracas amizades” e frágeis possibilidades de contar com “auxílios” e proteções privados. (SCHWARCZ, 1956, p. 191).

Lima Barreto não conseguiu escrever essa epopeia, mas denunciou a exclusão e o preconceito, à qual a população negra era alvo constante, mesmo durante o regime republicano, em outras de suas obras, que é extensa, diversificada e marcada por uma linguagem direta e simples. Desse modo, Lima Barreto pretendia também que sua literatura cumprisse um papel transformador na sociedade brasileira. Segundo Cuti (Luiz Silva):

A obra de Lima Barreto vai transgredir a noção de literatura como imitação de modelos. Ela se afasta do propósito de arte literária evasiva, de fuga da realidade por parte do escritor e do leitor. Seus textos impactam porque atuam no sentido oposto. Buscam expressar a realidade. Qual realidade? Aquela que não se queria ver nem promover dentro da literatura. Por isso o autor desrespeitou regras, sobretudo as dos gêneros e a relativa ao padrão de linguagem. (CUTI, 2011, p. 26).

Em 1907 Lima Barreto foi convidado a ser secretário de redação da revista *Fon-Fon*, mas demitiu-se depois de nove meses, afirmando que a revista não permitia que ele

desenvolve-se um projeto editorial próprio. (SCHWARCZ, 2017, p. 192). No mesmo ano, ao lado de outros jovens intelectuais que se intitulavam "Esplendor dos Amanuenses", fundam a revista *Floreal*, com o objetivo de ser um espaço de publicação dos trabalhos de todos os talentos literários que não tinham a proteção de editores e livreiros. (ENGEL, 2008, p. 16). Lima Barreto e os amigos fundadores da *Floreal*, consideravam-se representantes de uma nova literatura, nova porque não pertencia ao círculo da Academia Brasileira de Letras, que determinava quais os escritores teriam reconhecimento, ou dos grandes jornais da capital. A revista *Floreal* não durou muito, terminando na quarta edição em 31 de dezembro de 1907.

A colaboração de Lima Barreto na imprensa carioca vai aumentar após sua aposentadoria por motivos de saúde ser concedida em dezembro de 1918, permitindo que ele emitisse opiniões mais críticas em relação aos poderes e autoridades públicas republicanas. Durante o contexto da Primeira Guerra Mundial, Lima adotou uma posição antimilitarista, passando a escrever cada vez mais na imprensa anarquista. Embora o escritor afirmasse "[...] categórica e recorrentemente não pertencer a qualquer corrente política organizada, é inegável que tenha buscado uma crescente aproximação com certas concepções anarquistas que acabariam por marcar profundamente os posicionamentos políticos que assumiria como escritor." (ENGEL, 2008, p. 16).

Posicionando-se sempre contra o racismo, no início do ano de 1919 Lima Barreto manifestou-se publicamente contra o semanário *A.B.C.*, em que colaborava desde 1916, abandonando-a diante das ideias do diretor Paulo Hasslocher¹⁷ que escreve em um artigo, afirmações interpretadas como uma ofensa à raça negra. (OLIVEIRA, 2007, p.159). Lima Barreto despede-se do *A.B.C.* através de uma carta e solicita que ela seja publicada no semanário, o que acontece no dia 1º de fevereiro de 1919 com o título "Por amor a velhos princípios". Segundo Fátima Maria de Oliveira, o texto da carta é uma afirmação da independência que Lima Barreto "[...] fazia questão de manter como escritor-intelectual na defesa daqueles que não tinham nem vez nem voz." (OLIVEIRA, 2007, p. 159). Em um trecho da carta, Lima Barreto se posiciona ao se desligar da revista:

Não sou propriamente um jornalista; e antes, tenho exprimido o meu pensamento, bem ou mal, em livros.

¹⁷ A autora Fátima Maria de Oliveira afirma que o jornalista Paulo Hasslocher, em razão de uma polêmica com Antonio Torres, escreveu declarações em um artigo publicado no *A. B. C.*, interpretadas por Lima Barreto como "ofensivo à raça negra". Fátima Maria de Oliveira explica que não teve acesso ao artigo publicado no *A.B.C.* e que através da resposta de Lima Barreto, Hasslocher acreditava "[...]" que a escravidão tem sua origem na inferioridade das raças e que a ela se entregam sem resistência." OLIVEIRA, Fátima Maria de. *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2007, p.160.

Seria negá-los, eles que me têm tanto custado e tanto os amo, deixar passar em silêncio as tuas afirmações.

Se elas tivessem sido feitas por outrem, seria eu o primeiro a vir com um artigalhaço, contestando-as, para que o publicasse no A.B.C.

Mas, sendo tu que fazes; e, não querendo eu e não podendo magoar-te de alguma maneira, despeço-me de tua brilhante revista e sigo o meu caminho.

É com mágoa que faço isto e minha mágoa é tanto maior por não poder dizer francamente que as tuas palavras me suscitam revidar.

Uma coisa eu te lembro, para que não incorras em um erro vulgar de apreciação; todos os povos e raças passaram pela escravidão; a questão é de tempo e o tempo, para o filósofo, não existe. (BARRETO, 1961 apud OLIVEIRA, 2007, p. 160).

O escritor ao afirmar "o não poder dizer", o faz deliberadamente como uma forma de denúncia da censura que atinge aqueles que se posicionam a favor dos negros. Lima Barreto driblava essa censura, através de seus livros, pela via ficcional. (OLIVEIRA, 2007, p. 160). O "erro vulgar de apreciação" do jornalista Paulo Hasslocher, de acordo com Fátima Maria de Oliveira,

"[...]é o de acreditar que a escravidão tem sua origem na inferioridade das raças que a ela se entregam sem resistência. Na interpretação de Lima Barreto, a escravidão tem motivações políticas e a divisão entre senhores e escravos atende a imperativos de poder econômico e não a causas raciais. (OLIVEIRA, 2007, p. 160)

O jornalista Paulo Hasslocher se retratou publicamente sobre o artigo ofensivo e Lima Barreto permaneceu no semanário *A. B. C.* até o ano de sua morte em 1922. Lima Barreto afirmava e assumia o compromisso de denunciar e contestar ideias que defendiam a existência de raças superiores e inferiores. Em seu *Diário Íntimo*, o escritor declara esse compromisso: "[...]É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos." (BARRETO, 1956, p. 112).

O escritor Lima Barreto denuncia em sua obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, esse discurso científico evolucionista contra os negros e mestiços, afirmando a sua inferioridade e o seu fim através da resposta do personagem Floc, em relação a um escritor mulato: "Essa gente está condenada a desaparecer; a ciência já lhes lavrou a sentença [...]". (BARRETO, 1998, p.95)

O próprio autor, vítima do alcoolismo, ao ser internado pela segunda vez, no hospício pelo irmão em 1919, foi conduzido em primeiro lugar ao setor dos indigentes por ser mulato e pobre. Os possíveis motivos que levaram Lima Barreto ao alcoolismo, foram a discriminação racial que sofreu, a loucura do pai, dificuldades financeiras, a falta de reconhecimento como escritor, e também a decepção com uma república anunciada como democrática mas que manteve as mesmas mazelas que existiam no regime monárquico, como a corrupção,

nepotismo e exclusão das camadas mais humildes. Na república que substituiu o império, as "hierarquias tradicionais assumi[ram] novos conteúdos e feições, com o fim de reproduzir a desigualdade não mais fundada na escravidão." (ANGELIM, 2008, p.26)

Em seu *Diário íntimo*, Lima Barreto denuncia o racismo que sofria constantemente, embora vivesse os primeiros anos de uma república que deveria estender a todos os cidadãos, igualdade de direitos:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. [...] Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque? Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. (BARRETO, 1956, p.51-52)

Em um outro trecho de seu *Diário íntimo*, Lima Barreto registra sua preocupação com as concepções racistas e suas consequências, ao serem divulgadas no mundo inteiro com o reconhecimento da ciência:

Vai se estendendo pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais.

[...]

E assim a cousa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas ideias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos humilhantes, e os nossos liberalíssimos tempos verão uns novos judeus. (BARRETO, 1956, p.110-111)

1.5 *Diário íntimo*

Essa obra de memórias de Lima Barreto, foi escrita ao longo de muitos anos e apresenta registros de situações presenciadas ou vividas pelo autor, de reflexões, sentimentos e esboços de obras. Os trechos selecionados, em que o autor foi discriminado por ser mulato,

ou casos de discriminação racial dirigidos a outras pessoas e descritos por ele, em seu *Diário íntimo*, e que são utilizados nesse trabalho de pesquisa estão descritos abaixo:

Trecho 1

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. [...] Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque? Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. (BARRETO, 1956, p.51-52)

Trecho 2

[...]o Belo, primeiro oficial, que foi do gabinete do Benjamim, contou-me que a nomeação do Hemetério (é um negro), para professor do Colégio Militar, foi sustada na gaveta por ordem do Lauro Sodré, que sempre lhe recomendava a ele ir lhe pedir para expedir, que esperasse, que esperasse¹⁸. É singular que, fazendo eles a República, ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro. É singular essa República. (BARRETO, 1956, p. 82)

Trecho 3

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte: “Néscios e burlescos serão aqueles que procuram acercar-se de prerrogativas que não tem. M”. (BARRETO, 1956, p. 88)

No trecho selecionado abaixo (**trecho 4**) do *Diário íntimo*, Lima Barreto descreve os seus sentimentos quando tomou conhecimento dos discursos científicos que apresentavam modelos evolucionistas e social-darwinistas que consideravam negros e mulatos, como raças inferiores (SCHWARCZ, 1993, p. 28). O autor também se posiciona contra esses discursos, afirmando a sua disposição de lutar sempre contra as teorias racistas amplamente divulgadas, apesar de reconhecer que sofreria retaliações.

Trecho 4

Eles me encheram de medo, de timidez, abateram-me; a minha jovialidade nativa, a satisfação de viver nesse fantástico meio tropical, com quem tenho tantas afinidades, ficou perturbada pelas mais degradantes sentenças. Desviei a corrente natural de minha vida, escondi-me em mim mesmo e fiquei a sofrer para sempre. Mas, hoje! Hoje! Já posso alguma coisa e amanhã poderei mais e mais. Não pararei nunca, não me deterei; nem a miséria, as perseguições, as descomposturas me

¹⁸ O professor citado por Lima Barreto em seu *Diário íntimo* é Hemetério dos Santos, e Lauro Sodré foi ministro do presidente Rodrigues Alves (1902-1906). O trecho selecionado é um dos exemplos que mostra as barreiras raciais na sociedade da Primeira República.

deterão. Sacudi para longe o fantasma do medo; sou forte, penso, tenho coragem... Nada! Nada! Nada!
É que senti que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo. (BARRETO, 1956, p. 112)

1.6 *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*

No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, livro de estreia do autor, publicado em 1909, Lima Barreto narra em primeira pessoa, a história do jovem Isaías, mulato e pobre que ao mudar-se de uma cidade do interior para a capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, conseguir emprego na redação de um jornal, com a ambição de tornar-se "doutor", sofre com o preconceito que permaneceu, respaldado por novos discursos e justificativas apoiados na ciência, mesmo com a mudança do regime monárquico para o republicano no Brasil.

Trecho 5

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da *carta*, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. (BARRETO, 1998, p. 26)

Trecho 6

O delegado pareceu-me um medíocre bacharel, uma vulgaridade com desejos de chegar a altas posições; no entanto, havia na sua fisionomia uma assustadora irradiação de poder e de força. Talvez se sentisse tão ungido da graça especial de mandar, que na rua, ao ver tanta gente mover-se livremente, havia de considerar que o fazia porque ele deixava.[...] Num dado momento, como querendo levar a coisa ao cabo, perguntou pela terceira vez:

— Qual é a sua profissão?

— Estudante.

— Estudante?!

— Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.

— Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Onde lhe vinha a admiração duvidosa? Quis-lhe dar uma resposta mas as interrogações a mim mesmo me enleavam. Ele por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia.

Com ar escarninho perguntou:

— Então você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já

sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada a *priori*, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada.
— Sou, sim, senhor! (BARRETO, 1998, p. 63)

Trecho 7

Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu íntimo pensamento mais tarde. Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, pianistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos políticos; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas. (BARRETO, 1998, p. 157-158)

1.7 *Clara dos Anjos*

O romance *Clara dos Anjos*, publicado após a morte de Lima Barreto em 1922, narra a história da adolescente Clara, que é seduzida e abandonada por um cantor de modinhas, malandro branco do subúrbio, chamado Cassi Jones. Ao constatar a gravidez, a jovem é humilhada pela família do pai de seu filho por ser negra e pobre, quando vai procurá-los para exigir que o rapaz se case com ela. Para esse projeto de pesquisa, serão usadas duas edições de *Clara dos Anjos*: uma da editora Ediouro e outra, publicada pela editora Paz e Terra.

Trecho 8

Eram casados há quase vinte anos, mas só tinham uma filha, a Clara. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. (BARRETO, 1997, p. 46)

Trecho 9

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente.

Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam... (BARRETO, [198?], p.188)

Trecho 10

Até ali, Clara não dissera palavra; e Dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer.

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

- Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

- Que é que você diz, sua negra? (BARRETO, [198?], p. 185-186)

2 CONJUNTO DE OFICINAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

O ambiente escolar é entendido como um lugar de aprendizados, descobertas e convívio com as diferenças. Infelizmente é no cotidiano da sala de aula que a prática do racismo é mais evidente, contribuindo para que estudantes vítimas dessa prática apresentem uma baixa autoestima que se refletem em um baixo rendimento na escola, quando não conduzem a um aumento dos índices de evasão escolar, constantemente denunciados em estudos e pesquisas realizados e divulgados por entidades do governo federal, como o IBGE e o Ipea. Os resultados desses estudos e pesquisas revelam que a escola continua não conseguindo lidar com os conflitos que envolvem as questões raciais, e muitas frases e expressões depreciativas em relação a cor da pele, cabelos e religião que estabelecem o racismo como padrão de comportamento, são tolerados e interpretados por muitos professores, educadores e gestores como brincadeira. Outros professores demonstram receio e admitem dificuldades ao abordarem questões relacionadas ao racismo, permanecendo a frustração por não conseguirem contribuir para uma educação antirracista na escola. O racismo não pode ser tolerado e aceito em lugar nenhum, muito menos no ambiente escolar. (ALMEIDA, 2019, p. 239).

O racismo fere profundamente a alma de suas vítimas e têm consequências devastadoras na vida de jovens em formação. O escritor Lima Barreto, é um exemplo disso. Mas apesar do racismo que sofreu em vida e do silêncio em torno de sua obra, durante muitos anos após a sua morte, o autor soube em vida, como transformar sua dor em denúncia contra o preconceito e abandono do qual a população negra era vista em sua época, os primeiros anos da República no Brasil. Como o próprio Lima Barreto afirmava: "A literatura, na sua concepção, tinha que ser militante, visando a objetivo certo e definido, e não uma 'literatura contemplativa' ... 'cheia de ênfase e arrebiques' ... falsa e sem finalidade." (BARRETO, 1952 apud BARBOSA, 1988, p. 153).

Os artigos, crônicas, contos e romances deixados por Lima Barreto foram e ainda são, um importante instrumento de denúncia de temas difíceis e polêmicos, como o racismo que foi abordado de forma direta em várias de suas obras. E pela insistente atualidade do racismo na sociedade brasileira, dois de seus romances, *Clara dos Anjos*, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, e seu livro de memórias *Diário íntimo*, foram escolhidos e tiveram trechos selecionados para a elaboração dessas atividades. Além desses romances e do livro de memórias, um trecho do artigo *Maior*, foi utilizado também em uma das atividades porque

descreve o ambiente na cidade do Rio de Janeiro às vésperas da assinatura da Lei Áurea em 1888.

A elaboração deste conjunto de oficinas aparece aqui como estratégia pedagógica para o enfrentamento deste problema. Este conjunto de Oficinas foi desenvolvido para os professores de história utilizarem em aulas de história – voltadas a princípio, mas não somente para o público do Ensino Fundamental II, isto é, público entre 11 e 15 anos – seja em meio às suas atividades cotidianas integradas ao currículo ou em eventos interdisciplinares, como uma culminância que envolva toda a comunidade escolar, em acordo com o Projeto Político Pedagógico traçado pela escola, como em Semanas da Consciência Negra, Feiras de Ciências, etc. O objetivo dessas oficinas é contribuir para a desconstrução de estereótipos direcionados a população negra, promover a reflexão em relação ao desrespeito as diferenças que anulam a autoestima dos alunos, contribuindo, assim, na construção de uma educação cidadã e antirracista.

O racismo foi um dos temas abordados e denunciados nas obras de Lima Barreto. Em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, livro publicado em Lisboa no ano de 1909, escolhido por Lima Barreto para ingressar na vida literária nacional e com o qual esperava o reconhecimento de seus pares, não foi bem aceito pelos críticos literários. Um dos principais motivos da crítica negativa ao livro foi desmascarar o racismo na sociedade da época. O romance narra a história do jovem Isaías, que se muda de uma cidade do interior para a capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, com o sonho de tornar-se "doutor", mas é humilhado, desiludindo-se, vítima do preconceito.

Em *Clara dos Anjos*, publicado como romance em 1948, vinte e seis anos após a morte de Lima Barreto, a vítima da discriminação racial nos primeiros anos da república, é a jovem mulata Clara. O local onde se desenvolve a história é novamente a cidade do Rio de Janeiro e Clara é uma adolescente meiga e ingênua de 17 anos, filha de um carteiro e de uma dona de casa. A jovem se apaixona por um malandro branco suburbano, Cassi Jones, que a engravida e a abandona, como já havia feito com outras jovens humildes como ela. Ao procurar a família do namorado, Clara é vítima do preconceito por ser negra e pobre.

Na obra de memórias *Diário íntimo*, publicada em 1953, o jornalista Francisco de Assis Barbosa, reuniu e organizou vários registros do autor, escritos em folhas avulsas que Lima Barreto começou a escrever, ainda jovem, por volta de 1903. Esses registros são anotações da vida íntima, contos, observações que Lima Barreto escrevia, resultado de suas andanças como *flâneur* pela cidade que tanto amava, o Rio de Janeiro, romances inacabados, como a primeira versão incompleta de *Clara dos Anjos* do ano de 1904, capítulos inteiros para

um livro ao lado de outros, apenas esboçados. Em *Diário Íntimo*, encontra-se também a denúncia do autor contra o racismo, do qual foi vítima a sua vida inteira, o que contribuiu para que sua obra permanecesse no esquecimento durante tanto tempo.

2.1 Lima Barreto e o enfrentamento do racismo em sua obra literária *Recordações do escrivão Isaías Caminha*

Narrado em primeira pessoa, é o primeiro livro de Lima Barreto. A obra narra a história do jovem mulato Isaías que mais velho e escrivão da Coletoria Federal de Caxambi, no Estado do Espírito Santo, conta a sua vida de estudante em uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu, recordando o sucesso constante que o faz almejar ser doutor. Pobre, mas inteligente e cheio de idealismo, decide ir para a cidade do Rio de Janeiro. A mãe, de pouca instrução, não o incentiva a ir, pois teme que o filho sofra por ser pobre e negro. O tio de Isaías, Valentim, dá apoio, e ambos vão ao coronel Belmiro, importante fazendeiro que faz uma carta de apresentação para o doutor Castro, deputado eleito pela região, através da prática do voto de cabresto e das fraudes eleitorais, muito comuns, principalmente durante a Primeira República. O jovem, satisfeito e feliz com a sua carta de apresentação, acredita que seu grande sonho de ser doutor está garantido e segundo ele

[...] Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da *carta*, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. (BARRETO, 1998, p. 26)

Isaías se despede da mãe que lhe lança sempre o mesmo olhar "fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor. — Vai, meu filho, disse-me ela afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós... E não acabou. O choro a tomou convulsa e eu me afastei chorando." (BARRETO, 1998, p. 28). Se a mãe de Isaías completasse a sua fala, certamente diria "[...] porque nós negros somos expostos ao preconceito, à humilhação quando exigimos direitos iguais, quando lutamos por respeito nessa sociedade [...]". Todas essas afirmações estão subentendidas na frase incompleta da mãe de Isaías.

Durante a viagem de trem para a cidade do Rio, Isaías começa a ter as suas ilusões dissipadas, quando em uma das estações é vítima de discriminação, ao ser mal atendido pelo funcionário do café da estação por ter reclamado da demora na devolução de seu troco, enquanto que outro jovem, "um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue". (BARRETO, 1998, p. 29). Ao chegar a cidade do Rio de Janeiro, o encontro com as primeiras pessoas no novo ambiente põe diante de Isaías, um mundo de aparências e de interesses escusos. A figura afetada e arrogante do padeiro endinheirado, Laje da Silva, bajulador de todos os jornalistas importantes da cidade, o fingimento insuportável do jornalista Raul Gusmão, o ignorante repórter Oliveira, a imagem deprimente de um senador da República em atitudes obscenas em pleno bonde, tudo isso contribui para deprimi-lo em um mundo de expectativas mecânicas, arrivista e de indiferença. Quando vai à Câmara na tentativa de falar com o deputado Castro, se decepciona porque não encontra figuras respeitáveis como imaginava. Inclusive o doutor Castro, um apático que só mostra algum entusiasmo quando passa uma mulher que desperta o seu interesse. Por diversas vezes procura o deputado Castro em sua residência. Nunca o encontra e o seu dinheiro vai acabando, o que o deixa nervoso, pois é ameaçado pelo dono do hotel, que desconfia da sua situação. Solitário e cada vez mais preocupado, perambula pelas ruas e recorda-se do pai – era filho de um padre. Pensa na situação do pai em relação à paternidade e o tratamento que recebia dele quando menino: em público, o pai o tratava como a um estranho; em casa, longe de outras pessoas, o tratava com carinho. Isaías também se recorda do relacionamento frio e distante que ele, arrependido, tinha com a mãe, uma mulher humilde e submissa.

Ao ser informado do paradeiro de Castro, vai à casa da amante dele, que o deslumbra. O deputado o recebe, falando de dificuldades, da crise e acaba por pedir a Isaías que o procure no dia seguinte. Ele sai e no bonde, vê em um jornal a notícia de que o deputado Castro irá para São Paulo no dia seguinte, onde se demorará algum tempo. Lê também que um importante comerciante Laje da Silva "recebeu a bênção papal até a décima quinta geração". (BARRETO, 1998, p. 55) Essas notícias o deixam revoltado e com ódio. Ao retornar ao hotel, Isaías é intimado a comparecer a delegacia por causa de um roubo aos hóspedes. Na delegacia, o jovem ouve quando um militar, capitão Viveiros, pergunta se o mulatinho do hotel Jenikalé já havia chegado. O mulatinho era ele. Isaías fica ressentido com o tratamento que recebe, denunciando o desrespeito aos seus direitos como cidadão brasileiro, por parte de um representante do governo que deveria assegurar o cumprimento desses mesmos direitos: "O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário, de um representante do governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus

direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso." (BARRETO, 1998, p. 60)

Quando o delegado chega, Isaías é interrogado e humilhado – o delegado não acredita no que Isaías afirma: que é um estudante. Acha que ele só pode ser um ladrão. Isaías, revoltado com o preconceito o qual é submetido, ofende o delegado e é preso, mas logo posto em liberdade, por conhecer casualmente um jornalista a quem o delegado temia. Isaías entra então em desespero. Tudo lhe parece impossível. Não reage, vende os livros para pagar a casa de cômodos para onde foi obrigado a se mudar, passando a comer apenas quando não podia suportar a fome. Conhece, então, Abelardo Leiva, poeta e revolucionário, que o leva a conhecer o Rio, iniciando-o nos mistérios da grande cidade. Mas é o jornalista, Ivã Gregoróvitch, graças a quem conseguiu sair da prisão, que dá rumo à sua vida, levando-o para a redação do jornal *O Globo*.

No jornal, apesar de contínuo, tem condições para manter a pensão e a comida. Tal circunstância é suficiente para que deixe os sonhos e ilusões do passado e se encolha numa atitude subserviente que, no entanto, garante-lhe a sobrevivência. Isaías Vai para uma casa de cômodos no Rio Comprido, onde vivem diversas pessoas pobres, cada uma com suas histórias e dramas pessoais, mas relaciona-se só com sua lavadeira, mulher negra e sofrida, através de quem acompanha todos os acontecimentos "[...] daquele vasto cortiço." (BARRETO, 1998, p. 128)

Isaías torna-se uma espécie de visor passivo do êxito alheio em movimento, contentando-se em assimilar o sucesso de seus companheiros e testemunhando fatos desencadeados pelas notícias do jornal, muitas manipuladas ou inventadas, no caso de serem escassas. Sua vida, aos poucos, morre no limite do êxito de Loberant, o rigoroso dono do jornal, que impunha férrea disciplina na redação e se mostrava capaz de qualquer atitude para que o jornal no outro dia estivesse nas bancas. E identifica-se de maneira quase cega com a vida dos companheiros do jornal que mal o percebem como ser humano. Seu mundo passa a ser o mundo do jornal *O Globo*, com suas notícias fabricadas, da projeção de falsos heróis e da bajulação aos poderosos.

Um dia Isaías acaba, sem querer, surpreendendo Loberant em uma noitada de orgias em um bordel, quando vai procurá-lo para comunicar-lhe o suicídio de Floc, o crítico literário intelectualmente limitado, do jornal, em plena redação. Constrangido perante o contínuo que tanto o admirava, Loberant passa a protegê-lo, temendo desmoralizar-se. Bajulado por Loberant, escreve um artigo, passa a frequentar a mesa da redação e logo se transforma em repórter. Em pouco tempo, já é admitido como parceiro de Loberant em suas escapadas pela

noite boêmia. Com o tempo, Isaías vai vencendo, mas apesar do sucesso, e do romance que está escrevendo, Clara, não está feliz. Ao acompanhar Loberant em um passeio, Isaías é apresentado a uma linda mulher, Leda, e os três saem da cidade, e vão para a Ilha do Governador. Atravessam um trecho de mata, chegam a uma casa pobre e ele, então, é tomado de imensa saudade de sua cidade e de sua mãe: "Lembrava-me da vida de minha mãe, da sua miséria, da sua pobreza, naquela casa tosca; e parecia-me também condenado a acabar assim e todos nós condenados a nunca a ultrapassar." (BARRETO, 1998, p. 166). O pronome "nós" utilizado pelo autor, não se refere apenas a Isaías e sua família, mas também a toda a população negra, excluída dos direitos anunciados pela República, como certo para todos e que foi abandonada à miséria dos subempregos, condenada as periferias das grandes cidades e a falta de instrução.

Isaías Caminha perde o interesse pelo passeio, pela mulher que Loberant havia lhe apresentado, pela vida superficial que vivia. Sai caminhando sozinho, refletindo no que havia conseguido tirar de si. Nada de grande nem de forte. Consentira "[...] em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer." (BARRETO, 1998, p. 167)

2.2 *Clara dos Anjos*

A obra narrada em 3ª pessoa, conta a história da jovem mulata Clara dos Anjos, filha do carteiro Joaquim dos Anjos, homem honesto e simples, que se acredita músico, por ser flautista e ter conseguido vender uma polca e uma valsa a "[...]uma casa de músicas e pianos da Rua do Ouvidor." (BARRETO, 1981, p. 29). Joaquim dos Anjos era casado com a dona de casa Engrácia, mulher simples e honesta como o marido, católica ao extremo, "[...] sedentária e caseira". (BARRETO, 1981, p. 36). A mãe de Clara era [...] ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa." (BARRETO, 1981, p. 81). Joaquim e Engrácia, que moravam em uma modesta casa situada no subúrbio do Rio de Janeiro, estavam casados há quase vinte anos e de todos os filhos que haviam morrido, só Clara sobrevivera e chegara a idade de dezessete anos, cercada de cuidados. "Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e

ensinava a Clara bordados e costuras." (BARRETO, 1981, p. 36). Lima Barreto descreve Clara dos Anjos, com características físicas herdadas do pai e da mãe.

Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido, que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média deles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos. (BARRETO, 1981, p. 67-68).

Clara era a segunda filha do casal, e a única que conseguira sobreviver. Era meiga, ingênua e

[...] de uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, [...]. (BARRETO, 1981, p. 131).

O autor destaca a personalidade de Clara, descrevendo-a como frágil, despreparada para as dificuldades da vida, sonhadora, a espera do amor e do casamento. Os pais, Joaquim e Engrácia, não a orientam para reconhecer pessoas inescrupulosas ou racistas. Essa “natureza amorfa” de Clara se traduzia na ausência de ambição em melhorar seu modo de vida ou condição social por meio do trabalho ou do estudo:

Nem a relativa independência que o ensino da música e piano lhe poderia fornecer, animava-a a aperfeiçoar os seus estudos. O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. [...] Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher. (BARRETO, 1981, p. 131).

A jovem Clara, por ter recebido uma educação machista, superprotetora e limitadora, reservada às mulheres na sociedade de sua época, torna-se incapaz de resistir ao cantor de modinhas, suburbano mau caráter e sedutor Cassi Jones. Lima Barreto descreve o malandro Cassi Jones, de posição social melhor que a de Clara e sua família, como:

[...] um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado "modinhoso", além

de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da Rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo "Brandão", das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelinragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio - a famosa "pastinha". Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. (BARRETO, 1981, p. 42).

Ao ser convidado por um dos amigos de Joaquim dos Anjos, Lafões, um português, guarda de obras públicas, para tocar no aniversário de Clara, Cassi Jones fica determinado em fazer da moça a sua próxima vítima a ser seduzida e abandonada, como tantas outras mulheres. Para isso, o modinheiro envia-lhe cartas de amor para convencê-la de que seus sentimentos são sinceros. A única pessoa a desconfiar das intenções de Cassi Jones em relação a Clara é o seu padrinho e grande amigo de seu pai, Marramaque, homem de pouca instrução, semiparalisado do lado esquerdo do corpo e poeta modesto. É através do personagem Marramaque, que Lima Barreto denuncia o modo como as mulheres afrodescendentes são consideradas:

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social.

Se assim acontecia com as honestas, como não pensaria sobre o mesmo tema um malandro, um valdevinos, um inconsciente, um vagabundo cínico, como ele sabia ser o tal Cassi? (BARRETO, 1981, p. 67).

O padrinho de Clara é assassinado por ordem de Cassi Jones, eliminando o único obstáculo aos seus planos. Apaixonada, sem ninguém para orientá-la ou alertá-la a respeito das verdadeiras intenções de Cassi, Clara entrega-se ao rapaz. Quando engravida, é abandonada por Cassi que foge da cidade. Desesperada, com medo da reação dos pais à notícia, Clara decide fazer um aborto, e vai até a vizinha, Dona Margarida, uma russa de personalidade forte e decidida, para que a ajude com dinheiro. Dona Margarida convence-a a não fazer o aborto, e ambas contam tudo para a mãe de Clara. As duas mulheres, Clara e Margarida, vão até a casa da família de Cassi, exigir que ele se case com a jovem, como uma forma de "reparação". A mãe do rapaz, Salustiana, mulher arrogante que se considerava superior às outras pessoas, humilha Clara, mostrando-se profundamente ofendida porque uma negra quer se casar com seu filho. Clara

agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. (BARRETO, 1981, p. 188).

O autor representa, na figura de Clara e no seu drama, a condição social da mulher, pobre e negra, geração após geração. No final do romance, consciente e lúcida, Clara reflete sobre a sua situação:

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassi e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam [...] (BARRETO, 1981, p. 188).

E, na cena final, ao relatar o que se passara na casa da família de Cassi Jones para a sua mãe, conclui, em desespero, como se falasse em nome dela, da mãe e de todas as mulheres em iguais condições, negras e pobres: “— Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 1981, p. 188).

2.3 *Diário íntimo*

O livro *Diário íntimo*, antes de ser organizado para publicação pelo jornalista Francisco de Assis Barbosa em 1953, muitos anos após a morte do autor, era um conjunto de manuscritos que além de correspondências, haviam contos, artigos, álbuns de recortes, cadernetas, notas de um diário, contos populares recolhidos de terceiros, esboços de romances, que começou a ser escrito por volta de 1900. Esses manuscritos ficaram sob a guarda da irmã do escritor Evangelina de Lima Barreto. O autor deixou registrado, durante anos, pensamentos, episódios presenciados por ele em suas andanças como *flâneur* pelas ruas da cidade do Rio, desejos, frustrações, medos, discriminação racial sofrida por ele ou sofrida por outras pessoas. Trechos como esses, em que Lima Barreto denuncia o racismo que sofreu durante toda a sua vida:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. [...] Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque? Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. (BARRETO, 1956, p.51-52)

[...]

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte: “Néscios e burlescos serão aqueles que procuram acercar-se de prerrogativas que não tem. M”. (BARRETO, 1956, p. 88)

O escritor também deixou registrado em seu *Diário íntimo* o resultado de observações e críticas, depois de suas andanças pela cidade do Rio de Janeiro, como um atento *flâneur*:

A antipatia do Largo de São Francisco fica mais acentuada nas primeiras horas da manhã, dos dias de verão. O Sol o cobre inteiramente e se espadana por ele todo com a violência de um flagelo. Pelo ar, a poeira forma uma película vítrea que fulgura ao olhar, e do solo, com o revérbero, sobe um bafio de forja que oprime os transeuntes. Não há por toda a praça uma nesga de sombra, e as pessoas que saltam dos bondes, caminham apressadamente para a doçura amiga da Rua do Ouvidor. Vão angustiadas, e oprimidas, parecendo tangidas por ocultos carrascos impiedosos. Os negros chapéus-de-sol dos homens e as pintalgadas sombrinhas das senhoras, ao balanço da marcha, sobem e descem como se flutuassem ao sabor das ondulações de um curso d'água. São como flores, grandes flores, nenúfares e ninféias, estranhas e caprichosas, que recurvassem as imensas pétalas ao Sol causticante das nove horas da manhã. A superfície lisa da fachada da Politécnica é o espelho, onde se refletem e concentram os raios do sol que quer o Largo vazio; e o trânsito se faz para e da Rua do Ouvidor, segundo dois recurvados filetes que terminam num e noutro lado daquela fachada. A violência do Sol nada resiste. O granito da portaria da igreja de São Francisco parece estalar. Os tálburis em fileira ao centro da praça rebrilham como ágatas e as suas pilecas, a aquele calor, dormem resignadamente. De quando em quando, por entre a fileira dos tálburis, um rapazola atravessa e lépido sobe as escadas da Escola Politécnica. São os únicos transeuntes que se lançam pela praça corajosamente. (BARRETO, 1956, p. 27-28)

No *Diário íntimo*, encontra-se também o desejo de Lima Barreto em escrever obras que nunca chegou a escrever ou terminar.

1903

Um Diário Extravagante

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade.

* * *

Nasci em segunda-feira, 13-5-81. (BARRETO, 1956, p. 31)

Um dos projetos do escritor, que fazem parte do *Diário íntimo* foi a primeira versão incompleta do romance *Clara dos Anjos* de 1904. Nessa primeira versão, a personagem Clara,

seduzida e abandonada grávida por um malandro branco, suburbano, sedutor profissional, termina na prostituição.

O lugar dos encontros era ainda no tal beco e no mesmo quarto meio sujo, meio escuro, para onde, naquela tarde, o adolescente a levava. Com o gênio ordeiro de Clara, o aposento, entretanto, tinha ganho mais limpeza, e uma arrumação mais cuidada disfarçava a exiguidade de seus móveis. A cama de ferro, calçada, tinha o colchão de capim coberto de lençóis limpos, alvos, e uma colcha de chita de ramagens cobria-a por dois terços. As figuras eróticas das paredes substituíra Clara por cromos de folhinhas, e, disponho-os ingenuamente simétricos, o ar do quarto era de um aposento de moça pobre. As suas relações duravam há oito dias, e, com ser ainda recentes as relações, o adolescente parecia à Clara um tanto aborrecido. Não mais carinhos, pedidos, coisas mínimas, que ela tanto estimava. De tarde, ao sair, ela dirigia-se rapidamente ao beco. Subia, já o encontrava, sentado, esperando-a. Mal chegada, antes mesmo de repousar os embrulhos, ela ia muito humilde, muito doce, amimá-lo. Os carinhos eram quase indiferentemente recebidos pelo rapaz, respondia a um beijo ou a uma carícia e, como fatigado, dizia mal-humorado:

— Deixa-te disso... Deixa-te disso...

Clara murmurava uma queixa, mas continha-a e ficava em pé com as mãos nos cadarços da saia, a olhá-lo, com os seus olhos redondos, humildes, parados, espantados. O adolescente, então, intervinha e com império mandava:

— Despe-te. Anda.

Satisfeito, ele se levantava rápido, aborrecido, respondendo monossilábicamente às perguntas da rapariga, obrigava-a a vestir-se de novo, fazia-a sair, e ela, logo que o imaginava longe, saía a se coser pelas paredes, envergonhada, vexada, apreensiva.

Dentro de dias, havia já nele um grande arrependimento, nascido do sentimento confuso do temor das leis, da sociedade, da honra, dos preconceitos. Aquelas carícias, aquela intimidade da rapariga não eram próprias, não competiam a ele, era uma confiança. E como mesmo lhe fora tão forte o desejo dela que lhe chegara a prometer casamento? Ele e ela, casados... Oh! Oh! E continha a risada. A risada que queria explodir era contida pelo temor do código, do escândalo, da polícia. Mas daí não havia senão perigo passageiro.

Seu pai repreendê-lo-ia, amarraria a cara, evitaria o código, a polícia e, afinal, havia de achar coisa de somenos, pândega de rapaz. Entretanto, o que mais aborrecia-o eram as carícias dela. A demasiada doçura com que o tratava, os afagos de noiva, uma criada, quase. Convinha pôr um termo àquilo; já tinha o que queria, e se a coisa continuasse podia “pegar”, era o diabo! (BARRETO, 1956, p. 276-278)

A versão final do romance, publicado postumamente, é do final do ano de 1921 e início de 1922.

3 DAS OFICINAS: LIMA BARRETO E O ENFRENTAMENTO DO RACISMO POR MEIO DA AULA DE HISTÓRIA

O conjunto de seis oficinas foram desenvolvidas para os professores de história utilizarem – ou servirem de inspiração para atividades semelhantes – em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental II ou em eventos interdisciplinares, com uma culminância que envolva toda a comunidade escolar e que estejam de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola. O objetivo dessas oficinas é contribuir para a desconstrução de estereótipos direcionados a população negra, a reflexão em relação ao desrespeito as diferenças que anulam a autoestima dos alunos e que ajude na construção de uma educação cidadã e antirracista.

Esse conjunto de oficinas, dependendo do ano escolar dos alunos nos quais elas forem aplicadas, podem ter uma continuidade e culminância dentro de um projeto maior que envolva toda a escola e que esteja sempre relacionada a uma prática contra o racismo, o exercício do respeito em relação ao outro, visibilidade ao debate racial e a contribuição negra para a formação cultural brasileira, tendo em vista contribuição de Lima Barreto.

3.1 Oficina 1: A abolição da escravidão e a cidadania que não aconteceu

1ª ETAPA

Tempo de realização: Três tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; cartolina ou papel ofício; lápis e canetas comuns; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Objetivos:

- Compreender a importância da atuação dos próprios escravos na luta pela abolição, através de fugas coletivas para os quilombos abolicionistas, denúncias de maus-tratos e manifestações públicas pelo fim da escravidão;

- Entender que o fim da escravidão, com a assinatura da Lei Áurea em 1888, não significou a plena integração do negro na sociedade enquanto cidadão de direitos, pois não tiveram direito à trabalho, terras ou educação.

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor pedirá aos alunos, alguns dias antes da atividade proposta, pesquisarem sobre quem foi o escritor Lima Barreto: quando nasceu, em que cidade viveu, quando morreu, algumas de suas obras, e se conseguiu que suas obras fossem reconhecidas enquanto estava vivo. O professor indicará os seguintes sites para essa pesquisa:

https://www.suapesquisa.com/quemfoi/lima_barreto.htm

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/lima-barreto-1.htm>

- Na aula seguinte, o professor dialogará com os alunos sobre a biografia do escritor Lima Barreto e sobre o que eles pesquisaram, mostrando imagens, destacando as dificuldades sofridas por ele, como o racismo, os problemas financeiros, a frustração pelas críticas negativas as suas obras que denunciavam a exclusão da população afrodescendente de uma cidadania plena, após o fim da escravidão, durante as primeiras décadas da Primeira República;
- O professor apresentará o contexto histórico para a realização da atividade, no caso a Primeira República no Brasil, a sua proclamação em 1889, quais os grupos que exerciam o poder e os que não tiveram direito à cidadania;
- Os alunos serão incentivados a refletirem e exporem suas opiniões e conhecimentos sobre o que é ser um cidadão (quais são seus direitos e deveres), e o que o Estado deve fazer para assegurar aos cidadãos os direitos à cidadania e se esses direitos estão realmente sendo assegurados;
- O professor dividirá a turma em grupos e entregará um trecho do *Diário íntimo* de Lima Barreto, explicando aos alunos sobre o período da história do Brasil em que ele foi escrito, e o que o autor deixou registrado. Nesse trecho do

Diário íntimo, que será debatido com os alunos, o autor relata que era vítima de racismo constantemente, embora vivesse em um regime político que afirmava a igualdade de direitos e tratamento para todos;

Trecho do *Diário íntimo*:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. [...] Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque? Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. (BARRETO, 1956, p.51-52)

- Ao debater com os alunos sobre o trecho do *Diário íntimo*, o professor dialogará sobre o que é a função de contínuo mencionada por Lima Barreto em seu diário, e suas atividades. O professor dialogará também sobre o cargo que Lima Barreto exercia na Secretaria da Guerra, o de amanuense, na Cidade do Rio de Janeiro durante a Primeira República. O professor deverá incentivar os alunos a refletirem e falarem sobre os motivos que levaram o soldado a perguntar pela terceira vez, se Lima Barreto era contínuo.
- O professor depois de ler o trecho abaixo da biografia de Lima Barreto escrito pela historiadora Lilia Moritz Schwarcz, *Lima Barreto: triste visionário* dialogará com os alunos sobre como o escritor tornou-se amanuense, um cargo adquirido através de concurso público bastante exigente, que obrigava os candidatos a passarem por oito dias de exames que [...] constava de provas de português, francês, inglês, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, direito, redação oficial e caligrafia. (SCHWARCZ, 2017, p. 144).
- O professor dialogará com os alunos sobre a importância da educação como forma de conseguir esclarecimento, melhores condições de vida e conquista de direitos para a população afrodescendente durante a Primeira República, e nos dias atuais;

Proposta de avaliação:

- Com a turma dividida em grupos, os alunos apresentarão em cartazes os resultados da pesquisa sobre quem foi Lima Barreto, com imagens do escritor e de algumas de suas obras, principalmente *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos* e *Diário íntimo* em que o racismo é denunciado, confirmando a importância desse escritor e de seus livros para os dias atuais. Esses cartazes serão expostos na escola pelos alunos, em dias de culminância de projetos relacionados as questões étnico-raciais e ao combate ao racismo e injúria racial. Os alunos, com a orientação do professor, dialogarão com o público sobre o escritor carioca, sua vida, e a denúncia contra o racismo em sua obra;

2ª ETAPA

Tempo de realização: Três tempos de 50 min.

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor exibirá para a turma o curta metragem brasileiro "Xadrez das Cores", de Marco Schiavon. O curta narra a história de Cida, uma mulher negra de quarenta anos, que vai trabalhar para Maria, uma idosa de oitenta anos, viúva e sem filhos, que é extremamente racista. A relação entre as duas mulheres começa tumultuada, com Maria humilhando e ofendendo Cida com expressões e palavras racistas, por ela ser negra. Cida atura a tudo em silêncio, por precisar do dinheiro, até que o aprendizado do jogo de xadrez, a faz entender melhor a realidade em que vive e a possibilidade de transformá-la. A atitude de Cida trará mudanças importantes nas vidas das duas mulheres.

http://portacurtas.org.br/filme/?name=o_xadrez_das_cores

Duração do curta: 22 min. Ano: 2004

- Depois de dialogar com a turma sobre o curta, tirando dúvidas e chamando a atenção dos alunos para determinadas cenas, o professor poderá, usar algumas perguntas elaboradas para ajudá-lo nessa atividade, ou formular outras, de acordo com a compreensão do curta pela turma. Essas perguntas foram

elaboradas com o objetivo de ajudarem na reflexão dos alunos sobre frases e atitudes racistas naturalizadas no nosso cotidiano;

PERGUNTAS SOBRE O CURTA "XADREZ DAS CORES".

- 1- Escreva **uma palavra** ou **expressão racista** usada por uma das personagens, para falar com a outra personagem do curta.
- 2 - Depois de escrever a palavra ou expressão racista, como você acha que a personagem poderia enfrentar as ofensas racistas, sem violência?
- 3 - Explique a frase de uma das personagens do curta: **"Negro só serve para jogar futebol!"**
Qual das personagens do curta, disse essa frase?
- 4- Ainda existem pessoas que possuem atitudes racistas nos dias de hoje? E por quê essas pessoas ainda têm essas atitudes? Qual a sua opinião?
- 5 - O que você acha que pode ser feito para que essas atitudes acabem? Dê um exemplo.
- 6 - O que os alunos entenderam sobre a frase, dita por uma das personagens do curta:
"Quando o peão chega a última casa do tabuleiro ele pode se transformar em qualquer peça que já tenha saído do jogo. Percebi que apesar de eu ter nascido peão, não preciso ser peão a vida toda."
 - Comparar o episódio descrito no trecho do livro de Lima Barreto com a cenas do curta "Xadrez das Cores", em que a personagem Cida é humilhada com frases racistas pela personagem Maria;
 - O professor dialogará sobre o curta com os alunos, e ao mesmo tempo que fará uma comparação com o racismo diário sofrido por Lima Barreto nos primeiros anos da República e que permanecem até os dias de hoje em nossa sociedade. O professor perguntará aos alunos se eles, ou alguém que eles conheçam, já foram vítimas de racismo;

- O professor também pedirá aos alunos que pesquisem em jornais, revistas ou na internet para a aula seguinte, casos recentes divulgados pela mídia, de racismo, para um debate em sala de aula;

Proposta de avaliação:

- Utilizar os casos trazidos pelos alunos, para a elaboração de histórias em quadrinhos (HQs) que denunciem casos de racismo ou de injúria racial, na escola, na comunidade ou nos bairros, nos dias atuais. Os personagens das histórias em quadrinhos serão criados pelos alunos, e serão desenvolvidas em quatro ou seis quadrinhos. Essa atividade poderá ser em grupo (grupos pequenos) ou individual, usando balões de fala para os diálogos ou apenas os desenhos;
- Os trabalhos ficarão expostos em locais acessíveis para toda a comunidade escolar;

Indicações bibliográficas:

(CUTI) LUIZ, Silva. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

NEPOMUCENO, Eric Brasil; MENDONÇA, Camila. 1888: Abolição e abolicionismos. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.73-84.

PEREIRA, matheus Silva. Quilombos e fugas. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.33-43.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Ação Educativa, 2006 (1ª reimpressão de 2006).

3.2 Oficina 2: O racismo científico no pós-abolição e a luta por direitos

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; cartolina ou papel ofício; lápis e canetas comuns; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Objetivos:

- Entender como as teorias raciais evolucionistas que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, foram usadas como critérios de diferenciação racial e justificativas para a desigualdade social no período pós-abolição, com a aprovação da ciência.
- Refletir sobre a necessidade de se identificar e desconstruir estereótipos que contribuem para a permanência do racismo na sociedade brasileira;

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor dividirá o grupo em grupos menores, de três ou quatro alunos, e apresentará um trecho do livro *Diário íntimo* de Lima Barreto, através de cópias ou com o auxílio do data show, explicando que ele é uma obra de memórias do escritor e apresentando para os grupos um trecho, em que o escritor registra sua preocupação com as teorias racistas, conhecidas como darwinismo social, e suas consequências, ao serem divulgadas no mundo inteiro com o reconhecimento da ciência;

Trecho do *Diário íntimo*:

Vai se estendendo pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Diz-se ainda coisa feia mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que vai se estendendo mais.

E assim a coisa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas ideias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos humilhantes, e os nossos liberalíssimos tempos verão uns novos judeus. (BARRETO, 1956, p.110-111)

- Juntamente com o trecho do *Diário íntimo* do escritor, o professor apresentará aos alunos o trecho selecionado de um texto que aborda as teorias raciais e seus critérios de classificação das sociedades humanas, dialogando sobre os dois textos, e ao mesmo tempo estimulando os alunos a exporem suas dúvidas e opiniões;

As teorias raciais e os critérios de classificação social

Surgidas e difundidas a partir da Europa e dos Estados Unidos, no século XIX, para explicar a origem dos seres humanos, essas teorias contaram com muitas adesões no Brasil entre 1870 e 1930, sobretudo entre intelectuais, políticos, juristas e médicos. As teorias raciais associavam determinadas características físicas, morais e culturais – como cor da pele, forma do nariz, textura do cabelo e os modos de vestir, festejar, cantar, e cultivar – à capacidade mental e ao nível civilizatório de indivíduos e grupos. As sociedades humanas foram classificadas de formas diferentes, levando-se em conta o estágio de desenvolvimento em que se encontravam. A Europa era considerada modelo de superioridade e civilização e os povos africanos e indígenas identificados como inferiores e atrasados."

DANTAS, Carolina; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. (orgs.). Mobilização negra nas primeiras décadas republicanas . In: *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 87.

- O professor apresentará o trecho de um outro texto, que pode ser acessado pelo link: <https://www.geledes.org.br/contribuicao-da-ciencia-na-elaboracao-de-teorias-racistas-no-secxix-e-seus-efeitos-nas-relacoes-raciais-no-brasil/>. Depois de explicar para a turma o que é o Geledés, o professor conversará com os alunos sobre as teorias racistas do século XIX, incentivando-os a darem suas opiniões sobre a permanência dessas teorias no pensamento social, embora elas tenham sido desacreditadas;

"[...]a respeito das teorias racistas do século XIX surgidas na Europa e amplamente assimiladas e divulgadas no Brasil, a ideia de raça é conceitual e não um fato biológico. Embora as teorias de superioridade da raça branca, que ganharam um status científico no século XIX, tenham sido desacreditadas, elas continuam firmemente enraizadas no pensamento social."

<https://www.geledes.org.br/contribuicao-da-ciencia-na-elaboracao-de-teorias-racistas-no-secxix-e-seus-efeitos-nas-relacoes-raciais-no-brasil/>.

- O professor apresentará a charge da cartunista Laerte, através de cópias ou com o uso do data show, dialogando sobre o que é uma charge e a denúncia apresentada por ela, e quem são as maiores vítimas de homicídios por arma de

fogo no Brasil: jovens negros. Para reforçar essa triste realidade, o professor ao dialogar com os alunos, citará os dados do *Atlas da Violência de 2017* (e novamente constatados pelas edições de 2018 e 2019) sobre quem são as maiores vítimas de homicídio no Brasil: "[...] homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios". (IPEA, 2017, p. 30-31).

Figura 1 - Charge da cartunista Laerte



"A ciência já provou a inexistência de "raças" entre seres humanos.

Mas continua sendo um mistério a estranha tendência das armas de fogo de atingirem jovens negros."

Proposta de avaliação:

- O professor lerá novamente com os alunos, o trecho da obra *Diário íntimo*, o trecho do texto acessado no link do Geledés, (<https://www.geledes.org.br/contribuicao-da-ciencia-na-elaboracao-de-teorias-racistas-no-secxix-e-seus-efeitos-nas-relacoes-raciais-no-brasil/>), através de cópias ou usando o data show, dialogando sobre a preocupação de Lima Barreto com a teorias raciais desenvolvidas e aprovadas pela Ciência no século

XIX, e disseminadas e perpetuadas, principalmente em um país como o Brasil, em que o racismo, a desigualdade social e o desrespeito aos direitos humanos são uma realidade constante até os dias de hoje;

- O professor pedirá aos alunos (em dupla ou individual) que façam um desenho (charge), usando papel ofício ou cartolina, e que contribua com a reflexão sobre os estereótipos em relação à população negra e a permanência do racismo na sociedade brasileira até os dias atuais. Os trabalhos ficarão expostos para a comunidade escolar;

Indicações bibliográficas:

DANTAS, Carolina Vianna. Mobilização negra nas primeiras décadas republicanas. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 85-98.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. 1 ed. (2ª impressão), São Paulo: Editora Scipione, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

3.3 Oficina 3: A luta cotidiana dos grupos populares por habitação na Primeira República

1ª ETAPA

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; cartolina ou papel ofício; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Objetivos:

- Identificar quem eram as pessoas obrigadas a morar em casas de cômodos na área central da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, em péssimas condições, através de imagens antigas de habitações populares e de um trecho do romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*;
- Entender como a população que morava nessas casas de cômodos do início do século XX eram consideradas "classes perigosas" pelas autoridades republicanas, refletindo sobre suas próprias condições de moradia, e a história da origem de seus bairros ou comunidades;

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor poderá apresentar a turma, algumas imagens de ruas da cidade do Rio de Janeiro, antes e depois da reforma urbana realizada pelo Prefeito Pereira Passos, chamando a atenção para as transformações. Essas imagens podem ser encontradas acessando os links:

<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/66-o-rio-de-janeiro-como-distrito-federal-vitrine-cartao-postal-e-palco-da-politica-nacional/2914-o-bota-abaixo-as-criticas-e-os-criticos>

<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=1322>

- O professor mostrará imagens de cortiços da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, utilizando data show e um notebook, explicando quem eram as pessoas que moravam nessas habitações coletivas: pobres e negros. O professor ao dialogar com os alunos, explicará que após a abolição da escravidão, muitos ex-escravos em busca de uma vida melhor, rumaram das áreas rurais para os grandes centros urbanos, unindo-se as pessoas que já habitavam esses locais, ou sendo obrigados a morarem em áreas distantes, como os subúrbios;

Figura 2 - Fundos de prédio na Rua do Rezende



Legenda: As habitações precárias, não raro transformadas em cortiço ou casa de cômodos, eram alvos da política do “bota-abaixo” (Crédito: Augusto Malta/Museu da Imagem e do Som do Estado do Rio de Janeiro)

Fonte: Foto: Augusto Malta

- O professor, ao dialogar com a turma sobre as reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro, incentivará os alunos a refletirem e debaterem, sobre os motivos que obrigaram essa população, a morar nos cortiços ou casas de cômodos e como era viver nesses locais;
- Os alunos serão incentivados a fazerem comparações entre as habitações populares do início do século XX, suas precárias condições, com as habitações nos dias de hoje, refletindo sobre as dificuldades de moradia e a localização de muitas delas, em locais de difícil acesso ou de risco, como diversas comunidades da cidade do Rio;
- O professor dialogará com os alunos, sobre como os moradores dos cortiços eram vistos pelas autoridades e médicos da época: como pessoas promíscuas, cheias de vícios que ameaçavam à saúde pública e a derrubada dessas habitações coletivas, que contribuiu para o aumento das favelas e o deslocamento dessas pessoas para locais distantes dos centros urbanos;

- Em seguida, o professor dividirá a turma em grupos e entregará trechos selecionados do livro *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, explicando a história de modo resumido. Nesse trecho, o personagem Isaiás, que mora em um cortiço, descreve o local e as pessoas que moram nele;

Trechos do livro *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*:

Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde morava mais de cinquenta pessoas.

[...]

Num cômodo (em alguns) moravam as vezes famílias inteiras e eu tive ali ocasião de observar de que maneira forte a miséria prende solidamente os homens. (BARRETO, 1998, p.126-127)

[...]

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. Vivia na casa uma rapariga preta que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto, à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima. (BARRETO, 1998, p.128)

- O professor utilizará as imagens dos cortiços e ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, e o trecho do texto de Lima Barreto, dialogando com os alunos sobre as condições de suas próprias moradias e comunidades;

Proposta de avaliação:

- Os alunos, divididos em grupos e com o auxílio do telefone celular, registrarão imagens dos locais onde moram (o bairro, comunidade), comparando-as com imagens antigas desses locais. Essas imagens podem ser encontradas com o auxílio da internet ou os alunos pedirão a parentes e vizinhos, antigos moradores do bairro ou da comunidade, imagens antigas desses locais, que deverão ser escaneadas. Com as imagens, os alunos devem preparar uma exposição na escola, com a história do bairro, da comunidade, em que estejam incluídos os bons momentos e também seus problemas e necessidades;
- Sugestão para pesquisa da história e imagens antigas dos bairros da cidade do Rio de Janeiro:
<http://www.multirio.rj.gov.br/>

2ª ETAPA

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show e notebook; cartolina ou papel pardo; lápis e canetas comuns; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua; cola; imagens de cortiços atuais; folhas de papel ofício.

Objetivos:

- Entender os motivos que levaram os grupos populares a morarem em casas de cômodos na área central da cidade do Rio, no final do século XIX e início do século XX e as dificuldades enfrentadas por eles;
- Comparar a população que morava nessas casas de cômodos do início do século XX com os moradores atuais, dessas habitações que ainda resistem na cidade, refletindo sobre seus dramas e dificuldades para sobreviver;

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor dividirá a turma em grupos de três ou quatro alunos, e pedirá para a aula seguinte que tragam imagens de alguns cortiços atuais, localizados no centro da cidade, e trechos de depoimentos da vida dos moradores dessas habitações coletivas que ainda sobrevivem;

Imagens de cortiços que ainda sobrevivem na cidade do Rio de Janeiro:

<https://oglobo.globo.com/rio/corticicos-do-seculo-xix-sobrevivem-em-meio-modernizacao-do-rio-10737056>

Figura 3 - Cortiços que ainda sobrevivem



Legenda: I EXCLUSIVO Rio de Janeiro (RJ) 30/10/2013. Cortiços que resistem na cidade. Cortiço na Rua Santo Amaro 188. Catete. Maria Aparecida Ananias não sabe a idade que tem e sempre viveu em cortiços. Foto: Custódio Coimbra / Agência O Globo.

Fonte: Foto: Custódio Coimbra / Agência O Globo.

"São poucos e querem cobrar caro"

Maria Aparecida Ananias, de 80 anos, conhece bem a realidade desse tipo de moradia. Ela conta que só morou em cortiços desde que chegou ao Rio, ainda adolescente, em 1956.

— Naquela época era fácil encontrar esse tipo de moradia. Hoje é muito difícil. Quando tive que mudar do Flamengo, há mais de 20 anos, já não foi fácil encontrar esse quarto aqui. São poucos e querem cobrar caro — conta Maria Aparecida, que paga R\$ 270 por mês pelo pequeno quarto onde mora, sem cozinha e sem banheiro.

Ela mora há 22 anos em um cortiço na Glória, mas sente saudades de quando vivia em um casarão na Rua Correia Dutra, demolido para dar lugar a um prédio residencial.

No casarão de 1859 na Rua Santo Amaro, vivem 48 famílias. Maria Aparecida é uma das moradoras mais antigas. A cozinha, os seis banheiros e os quatro tanques são de uso coletivo.

— Dizem que este casarão era cheio de celas de escravos e que aqui eles eram torturados — diz Maria, que é negra e escolheu o 13 de maio, dia da libertação dos escravos, como data de aniversário. — Meu pai me deu para uma família criar, mas eles não me registraram para não ter que dividir a herança dos filhos legítimos. Aos 17 anos me registrei. Gosto do mês de maio e escolhi o dia 13.

Figura 4 - Cortiços do Rio antigo



Fonte: Foto: Domingos Peixoto/ Agência O Globo

<https://oglobo.globo.com/rio/os-corticos-do-rio-10704667>

<https://oglobo.globo.com/rio/corticos-do-rio-antigo-resistem-na-zona-portuaria-20419840>

EM CADA QUARTO, UM DRAMA

Os velhos cortiços do Rio estão cheios dos velhos dramas da gente. Angela Leal, de 52 anos, sonha em conseguir um emprego para voltar a cuidar dos cabelos, dos dentes, da vida — e sambar na Sapucaí outra vez. Seu Raimundo Juarez, de 75, está ficando cego e já não enxerga as baratas subindo pelas paredes, espalhadas pelo quarto todo. Seu pedido de cirurgia de catarata foi feito há seis meses no SUS, mas ainda não há previsão de quando será atendido. Seu Raimundo é tão pobre que só faz uma refeição por dia. No almoço do Dia de Finados, comeu arroz e farofa.

— Só quero voltar para São Benedito (CE), onde sei roçar e plantar. Meus quatro filhos estão lá — afirma, lembrando depois de uma quinta filha, na verdade a mais velha, que ele deu para uma mulher de Botafogo quando a criança tinha 8 anos. — Nunca tive sorte na vida. Estávamos passando fome, não consegui cuidar da menina. Penso nela sempre.

Na habitação vizinha, com os mesmos cinco metros quadrados, vivem Maria Rosa Régis dos Santos, de 60 anos, e seu sobrinho André, de 32. Enquanto ela come macarrão na panela, o rapaz está deitado na cama. Dona Maria explica:

— Esse menino é trabalhador, estava entregando água aqui perto, na virada do ano, quando um policial encrencou com ele. O PM sacou a pistola e deu um tiro à queima-roupa na virilha do meu sobrinho. Por que na virilha? — indaga. André só anda apoiado em muletas. Precisa de remédios controlados para dormir. Vive deprimido, com as mãos trêmulas. Até para levantar da cama lhe falta força. A impressão é que só um milagre é capaz de salvá-lo. Mas ele sorri. — Viver é difícil, moço — diz apenas.

Figura 5 - Cortiço da Rua Senador Pompeu 65



Legenda: Um dos cortiços mais antigos da cidade fica na Rua Senador Pompeu 65, perto do antigo Cabeça de Porco, demolido em 1893 na rua paralela.

Fonte: Foto: Domingos Peixoto/Agência O Globo

Figura 6 - Dona Maria, moradora de cortiço



Legenda: Baiana, Dona Maria passava fome na casa de família onde conseguiu seu primeiro trabalho no Rio, no Leblon, há 40 anos.

Fonte: Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo.

Figura 7 - Moradores do cortiço da Rua Senador Pompeo 65



Legenda: Embaixo, casas com quarto, sala e banheiro; em cima, apenas quartos de cinco metros quadrados.

Fonte: Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo

- Com a ajuda do datashow e notebook, o professor apresentará as imagens dos cortiços da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, comparando-as com as imagens dos cortiços nos dias de hoje, trazidos pelos alunos. O professor deverá pedir aos alunos que observem nas imagens apresentadas:
 - **Os locais das habitações coletivas antigas e atuais;**
 - **Quem são as pessoas que moravam e moram nessas habitações;**
 - **Os motivos que levavam e ainda levam essas pessoas a morarem nessas habitações;**
 - **Como é a vida das pessoas que moram nessas habitações atualmente;**

- O professor ao mesmo tempo que debaterá com os alunos sobre as imagens apresentadas, incentivará os alunos a falarem sobre os locais onde vivem: localização, problemas identificados por eles em suas comunidades, o que eles gostariam que mudasse, e suas sugestões para que essas mudanças aconteçam;

Proposta de avaliação:

- Os alunos colarão em cartolinas ou papel pardo, as imagens dos cortiços dos dias atuais e os trechos dos depoimentos de seus moradores, com as respostas das observações das imagens debatidas durante a oficina. Os títulos para os cartazes serão escolhidos pelos alunos e os cartazes, expostos;

Indicações bibliográficas:

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. 1 ed. (2ª impressão), São Paulo: Editora Scipione, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

3.4 Oficina 4: A imprensa negra brasileira

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; cartolina ou papel ofício; lápis e canetas comuns; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Objetivos:

- Conhecer os jornais fundados por intelectuais negros do Brasil, no início do século XX;

- Compreender a importância da imprensa negra como elemento de resistência, denúncia e superação das discriminações;

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor exibirá para os alunos imagens de jornais fundados por intelectuais negros, no início do século XX. Nesses jornais, a maioria deles em São Paulo, existiam muitas denúncias de racismo, e o professor deverá destacar a importância desses jornais, que faziam parte de um movimento chamado de "imprensa negra", como espaço de debates, denúncia de discriminação racial e portanto, uma forma de luta e conquista de direitos que não vieram com a abolição ou a República;



Figura 8 - A Liberdade

Subtítulo: órgão dedicado à classe de côr, crítico, literário e noticioso.

Criação: 14 de julho de 1919

Redator: Gastão Silva

Local: São Paulo – SP

Periodicidade: quinzenal (1919)/ mensal (1920)



Figura 9 - Chibata

Local: São Paulo – SP



Figura 10 - A Voz da Raça

Subtítulo: órgão dedicado à classe de côm, crítico, literário e noticioso.

Criação: 14 de julho de 1919

Redator: Gastão Silva

Local: São Paulo – SP

- O acervo dos jornais da imprensa negra podem ser obtidos no seguinte site abaixo:

<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/periodicos/>

- Ao dialogar com a turma sobre esse jornais, o professor chamará a atenção dos alunos para os nomes escolhidos, como forma de reação, de mobilização para a luta e de afirmação da identidade negra;
- Será exibido ou distribuído também, um trecho da obra *Diário íntimo* de Lima Barreto, em que o autor é vítima de racismo. O professor dialogará sobre esse trecho com os alunos:

Na estação, passeava como que me desafiando o C. J. [...] com a esposa ao lado. O idiota tocou-me na tecla sensível, não há negá-lo. Ele dizia com certeza:
— Vê, “seu” negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático. (BARRETO, 1956, p. 46)

Proposta de avaliação:

- O professor exibirá a imagem de uma edição do jornal *A Voz da Raça*, de 13 de maio de 1933, com o trecho de um artigo de Isaltino Veiga dos Santos, uma das principais lideranças do movimento negro, no

Brasil, a FNB (Frente Negra Brasileira). A imagem do jornal e do trecho do artigo também poderão ser copiados em folhas de papel ofício e distribuídos aos alunos;

- Em seguida, com os alunos sentados em dupla ou em trio, lerão o trecho do artigo que também poderá ser entregue aos alunos, impresso: "E a raça foi libertada em 13 de maio de 88, e nós os Negros, dentro do Brasil que é nosso, e que foi construído com o nosso sangue, continuamos escravos.";
- Em seguida, o professor pedirá aos alunos que escrevam uma notícia, baseando-se no artigo do jornal e no trecho do *Diário íntimo*, como se fossem repórteres, descrevendo um episódio de racismo nos dias atuais;

Indicações bibliográficas:

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo (org.). Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao Cpdoc. Rio de Janeiro: Pallas/Cpdoc-FGV, 2007.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 (3ª reimpressão, 2018).

PEREIRA, Amilcar Araujo. O movimento negro no Brasil republicano. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.99-106.

3.5 Oficina 5: As mulheres negras nas obras de Lima Barreto

1ª ETAPA

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; cartolina ou papel ofício; lápis e canetas comuns; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Objetivos:

- Entender como a mulher negra era vista no início do século XX, nos livros *Clara dos Anjos* e *Recordações do escrivão Isaías Caminha*;
- Refletir sobre a falta de direitos dessas mulheres, fazendo uma comparação com os dias atuais: o que ainda permanece, a luta e conquista de direitos;

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor pedirá, em uma aula anterior ao da atividade proposta, para que os alunos façam uma pesquisa sobre o livro *Clara dos Anjos*, observando as seguintes informações: O autor do livro, em que período da história do Brasil a obra foi escrita, quem são os personagens principais e qual é a história. A turma poderá ser dividida em grupos, caso a escola não tenha condições de tirar cópias para todos, ou para um melhor desenvolvimento da atividade;
- No dia da apresentação das informações pesquisadas pelos alunos, o professor dialogará com eles sobre o autor, a obra, esclarecendo dúvidas. O professor poderá pedir aos alunos que descrevam em poucas palavras, um pouco da personalidade dos personagens principais do livro, principalmente as mulheres: Clara dos Anjos, Engrácia, Salustiana, Margarida, Cassi Jones, Joaquim, Marramaque;
- O professor entregará um trecho selecionado do livro *Clara dos Anjos*, impresso em folhas e o trecho de um texto retirado de um dossiê preparado pelo Geledés e Criola, denunciando a situação social das mulheres negras no país;
- Os alunos deverão observar a imagem e reler a informação sobre uma das moradoras do cortiço da rua Senador Pompeo, número 65, a baiana Dona Maria;

- Ao dialogar com os alunos sobre os trechos dos textos, o professor informará sobre o que são o Geledés e Criola;
- O texto e o trecho do livro também podem ser apresentados aos alunos com o auxílio de um data show e notebook;

GELEDÉS

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. Posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social.

<https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>. Acesso em 07 de setembro de 2019.

CRIOLA

CRIOLA é uma instituição da sociedade civil sem fins lucrativos fundada em 2 de setembro de 1992. É conduzida por mulheres negras de diferentes formações e está voltada para o trabalho com mulheres, adolescentes e meninas negras. O objetivo dessa instituição é a instrumentalização dessas mulheres para o enfrentamento do racismo, do sexismo e das LGBTIfobias vigentes na sociedade brasileira.

https://www.facebook.com/pg/criola.org.br/about/?ref=page_internal. Acesso em 07 de setembro de 2019. Texto adaptado.

Trecho do livro *Clara dos Anjos*

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente.

Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam... (BARRETO, 1981, p.188)

Trecho do texto retirado do site Geledés

Situação social

As mulheres negras representam o principal grupo em situação de pobreza. Somente 26.3% das mulheres negras viviam entre os não pobres, enquanto que 52.5% das mulheres brancas e 52.8% dos homens brancos estavam na mesma condição (IPEA, 2011). A maioria das mulheres negras reside nas regiões com menor acesso a água encanada, esgotamento sanitário e coleta regular de lixo. Por isso, estão mais expostas a fatores patogênicos ambientais e também àqueles fatores decorrentes de sobrecarga de tarefas de cuidado com o domicílio, o ambiente, com seus residentes e a comunidade, sob condições adversas e sem anteparo de políticas públicas adequadas. E ainda, apresentam risco aumentado de acidentes domésticos, de trajeto e no ambiente de trabalho. Outras informações demonstram que 53.6% das famílias chefiadas por mulheres no país são lideradas por mulheres negras (IPEA, 2013). Dessas, 63.4% das mulheres negras estão ocupadas no trabalho doméstico (IPEA, 2012), recebendo 86% dos rendimentos das mulheres brancas com a mesma ocupação. As mulheres negras são o principal grupo atuante no mercado informal: 26.5% das mulheres negras trabalhadoras atuavam no mercado informal em 2012, chegando a 46.7% nas seis maiores Regiões Metropolitanas do país (IBGE, PME, agosto de 2012). Em relação ao desemprego, as mulheres negras apresentam as maiores taxas ao longo dos anos e das diferentes situações econômicas do país.

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Dossie-Mulheres-Negras-PT-WEB3.pdf>

Dona Maria, moradora de cortiço



Baiana, Dona Maria passava fome na casa de família onde conseguiu seu primeiro trabalho no Rio, no Leblon, há 40 anos
Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo.

- O professor deverá incentivar os alunos a darem suas opiniões sobre os dois textos, chamando a atenção para a situação da mulher negra no período em que se passa a história da personagem Clara dos Anjos, do escritor Lima Barreto, e a situação da mulher negra nos dias atuais, marcada pelo preconceito e exclusão de direitos em relação à mulher branca;
- O professor poderá usar, da maneira que achar conveniente, as perguntas abaixo durante o debate com os alunos:
 - **Qual é a situação da mulher negra no período em que se passa a história de Clara dos Anjos, e em que viveu Lima Barreto?**
 - **Qual é a situação da mulher negra nos dias atuais, denunciado no trecho do texto "Situação social"?**
 - **Em qual trecho do texto do livro, Lima Barreto afirma a necessidade do empoderamento negro feminino, contra o preconceito.**

Proposta de avaliação:

- A turma dividida em grupos, deverá fazer entrevistas com mulheres negras dos locais onde moram (bairro, condomínio, comunidade), com perguntas sobre trabalho, família, preconceito, direitos. Os alunos poderão gravar as entrevistas com o auxílio do aparelho celular e tirar fotos, com o consentimento das entrevistadas. As fotos e entrevistas deverão ser expostas com o data show e notebook ou, em cartazes na escola em um local em que o público (e não só a comunidade escolar), possa ver. Uma outra sugestão: a exposição poderia ser montada em um outro local, fora da escola, se for possível, para exibição.

2ª ETAPA

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; notebook cartolina ou papel ofício; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Desenvolvimento/ procedimentos:

- Com a turma dividida em grupos, o professor pedirá aos alunos que leiam novamente o trecho da reportagem sobre os cortiços nos dias atuais, em que está o depoimento da moradora Maria Aparecida Ananias, que escolheu o 13 de maio como data de nascimento:

" No casarão de 1859 na Rua Santo Amaro, vivem 48 famílias. Maria Aparecida é uma das moradoras mais antigas. A cozinha, os seis banheiros e os quatro tanques são de uso coletivo.

— Dizem que este casarão era cheio de celas de escravos e que aqui eles eram torturados — diz Maria, que é negra e escolheu o 13 de maio, dia da libertação dos escravos, como data de aniversário. — Meu pai me deu para uma família criar, mas eles não me registraram para não ter que dividir a herança dos filhos legítimos. Aos 17 anos me registrei. Gosto do mês de maio e escolhi o dia 13."

- A partir da leitura do trecho do depoimento no jornal "O Globo", professor poderá dialogar com a turma sobre o significado do 13 de maio: para os antigos senhores que queriam indenização pela perda de seus escravos, para os abolicionistas e ex-escravos que foram frustrados em seus projetos mais amplos de inclusão dos libertos em uma nova sociedade, que com a Proclamação da República, foi anunciada como igual em direitos para todos.
- O professor entregará aos alunos, cópias de trechos da crônica *Maio* de Lima Barreto, publicado no jornal *Gazeta da Tarde* do dia 4 de maio de 1911. Se a escola possuir data show, e com um notebook, os trechos da crônica poderão ser exibidos na sala de aula para os alunos.

Trechos da crônica "*Maio*"

[...]

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço.

Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, [...]; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que a cena para o povo.

Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio.

Houve missa campal, no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a *Primeira missa*, de Vitor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... Houve o barulho de bandas de músicas, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegrias toscas passaram lentamente pelas ruas.

Construíram-se estrados para bailes populares; houve desfile de batalhões escolares e eu me lembro que vi a princesa imperial, na porta da atual Prefeitura, cercada de filhos, assistindo àquela fieira de numerosos soldados desfiar devagar. Devia ser de tarde, ao anoitecer.

Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. [...]

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

- Depois de ler os trechos da crônica, o professor dialogará com os alunos sobre os significados do 13 de maio para os libertos, destacando a cerimônia em torno da assinatura da Lei Áurea, as notícias na imprensa da época e as comemorações que foram realizadas durante dias;
- O professor pedirá aos alunos para compararem o trecho do depoimento de Maria Aparecida Ananias em que ela afirma a escolha do 13 de maio como data de nascimento e o motivo da escolha, com o trecho da crônica *Maio* de Lima Barreto. A partir das respostas dos alunos, o professor poderá solicitar aos alunos que reflitam sobre a importância dessa data para a população afrodescendente, dando ênfase na sua luta e participação durante o processo que culminou na assinatura da Lei Áurea, e não como um presente da monarquia;
- O professor poderá pedir aos alunos que reflitam sobre a importância das duas datas: o 13 de maio e o Dia da Consciência Negra no dia 20 de novembro. Ao dialogar com os alunos sobre as duas datas, o professor pedirá que os alunos exponham suas opiniões sobre os motivos que levaram muitos afrodescendentes a destacarem só a segunda data, o Dia da Consciência Negra, diminuindo a importância do 13 de maio;

Proposta de avaliação:

- Os alunos, divididos em dupla ou trio, usarão folhas de cartolina ou papel pardo, dividindo-as em duas partes. Em uma das partes, escreverão 13 de maio e na outra, 20 de novembro;

- Os alunos escreverão suas opiniões sobre os motivos que fazem as duas data serem importantes para a história da população negra. Os cartazes deverão ficar expostos para toda a comunidade escolar;

Indicações bibliográficas:

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras*. São Paulo: Pólen, 2017.

BARRETO, Lima. *Crônicas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acesso em 28 de novembro de 2019.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 (3ª reimpressão, 2018).

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpoca, 1984. Disponível em <<http://goo.gl/VFdjdq>>. Acesso em 28 de novembro de 2019.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Ação Educativa, 2006 (1ª reimpressão de 2006).

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

3.6 Oficina 6: A educação como forma de ascensão social e afirmação de direitos

Tempo de realização: Seis tempos de 50 min.

Quantidade de alunos: Aproximadamente 20 alunos.

Material necessário: Cópias dos textos selecionados; data show; cartolina ou papel ofício; canetas coloridas ou lápis de cor; tesoura; régua.

Objetivos:

- Refletir sobre a necessidade da educação como uma forma de ascensão social e conquista de direitos pela população afrodescendente, usando como exemplos o escritor Lima Barreto e o professor Hemetério dos Santos;

- Os alunos deverão conhecer as dificuldades enfrentadas pela população afrodescendente, durante a Primeira República, e a valorização da educação como um meio de luta por direitos e reconhecimento na sociedade;

Desenvolvimento/ procedimentos:

- O professor pedirá aos alunos que pesquisem e tragam para a aula seguinte, imagens e um resumo da vida do escritor Lima Barreto e do professor Hemetério dos Santos, para um debate. O site abaixo pode ajudar os alunos nessa primeira etapa:

<https://www.geledes.org.br/hemeterio-jose-dos-santos-o-primeiro-professor-negro-do-instituto-de-educacao/>

<https://www.geledes.org.br/lima-barreto/>

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/lima-barreto-1.htm>

- O professor entregará aos alunos cópias impressas, ou projetará com a ajuda do data show e do notebook, um trecho da obra *Diário Íntimo* de Lima Barreto, dialogando sobre quem foi o professor Hemetério dos Santos e o motivo da crítica do escritor no trecho do texto;
- O professor, ao dialogar com os alunos sobre Hemetério dos Santos, enfatizar o fato de que ele foi o primeiro professor negro do Instituto de Educação (ISERJ), e que de acordo com o professor e pesquisador Aderaldo Pereira dos Santos "[...] foi uma figura histórica no combate ao racismo e em defesa da educação na época em que viveu."
- O professor dialogará com os alunos sobre Hemetério dos Santos acreditar em uma educação voltada para a população pobre, e por isso, ajudou a idealizar uma Escola Normal Livre no Distrito Federal, à noite, frequentada por jovens que não eram da elite;
- Após essa apresentação, o professor mostrará uma imagens do professor Hemetério dos Santos e de Lima Barreto, com um pequeno resumo sobre eles,

dialogando com os alunos sobre as trajetórias desses dois intelectuais negros, que sofriam com o racismo e os seus posicionamentos diante do debate racial de sua época;

Proposta de avaliação:

- O professor dividirá a turma em grupos e pedirá para a aula seguinte, que pesquisem e tragam imagens de professores negros e os locais e épocas em que lecionaram no Brasil. Com essas informações, os alunos podem elaborar um mural chamando a atenção da comunidade escolar para esses professores e sua atuação;

Trecho do *Diário íntimo*:

[...]

Por falar nisso, o Belo, primeiro oficial, que foi do gabinete do Benjamim, contou-me que a nomeação do Hemetério (é um negro), para professor do Colégio Militar, foi sustada na gaveta por ordem do Lauro Sodré, que sempre lhe recomendava a ele ir lhe pedir para expedir, que esperasse, que esperasse.

É singular que, fazendo eles a República, ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro.

É singular essa República. (BARRETO, 1998, p. 82)

Figura 11 - Hemetério José dos Santos



Hemetério José dos Santos: o primeiro professor negro do Instituto de Educação

A foto acima foi obtida na Biblioteca Nacional. Faz parte de um livro do Professor Hemetério intitulado “Pretidão de Amor”. Segundo consta no prefácio ali estavam publicadas as conferências proferidas pelo autor no Clube de Senhoras do Rio de Janeiro. Professor, Gramático, Filólogo nasceu a 03 de março de 1858 em Codó, no Estado do Maranhão. Faleceu no Rio de Janeiro em 1939. Não há registros conhecidos de quando migrou para a capital do país. Possivelmente terá sido nos primeiros anos da década de setenta do século XIX pelas referências que faz na “Carta aos Maranhenses”. Entretanto, já era professor do Colégio de Pedro II (atual colégio Pedro II) em 1878. Em 20 de Abril de 1890 foi nomeado professor adjunto do curso secundário do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1898, designado professor “para a aula de português do curso de adaptação” desse mesmo Colégio. Posteriormente, foi nomeado professor vitalício e recebeu a patente de Major do Exército, indo servir na Escola de Estado Maior, Escola de Artilharia e Engenharia e Colégio Militar. Em 1920 ainda era professor do Colégio Militar e havia obtido a patente de tenente-coronel honorário.

Texto retirado do Livro *A Cor da Escola* – imagens da Primeira República: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A Cor da Escola* – imagens da Primeira República. Cuiabá/MT: EdUFMT/Editora Entrelinhas, 2008.

Figura 12 - O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto



Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Enfrentou o preconceito por ser mestiço durante a vida. Ficou órfão aos sete anos de idade de mãe e, algum tempo depois, seu pai foi trabalhar como almoxarife em um asilo de loucos chamado Colônia de Alienados da Ilha do Governador. Concluiu o curso secundário na Escola Politécnica, contudo, teve que abandonar a faculdade de Engenharia, pois seu pai havia sido internado, vítima de loucura, e o autor foi obrigado a arcar com as despesas de casa. Como leu bastante após a conclusão do segundo grau, sua produção textual era de excelente qualidade, foi então que iniciou sua atividade como jornalista, sendo colaborador da imprensa.

Contribuiu para as principais revistas de sua época: *Brás Cubas*, *Fon-Fon*, *Careta*, etc. No entanto, o que o sustentava era o emprego como escrevente na Secretaria de Guerra, onde aposentaria em 1918. Não foi reconhecido na literatura de sua época, apenas após sua morte. Viveu uma vida boêmia, solitária e entregue à bebida. Quando tornou-se alcoólatra, foi

internado duas vezes na Colônia de Alienados na Praia Vermelha, em razão das alucinações que sofria durante seus estados de embriaguez. Lima Barreto fez de suas experiências pessoais canais de temáticas para seus livros.

Em seus livros denunciou a desigualdade social, como em *Clara dos Anjos*; o racismo sofrido pelos negros e mestiços e também as decisões políticas quanto à Primeira República. Além disso, revelou seus sentimentos quanto ao que sofreu durante suas internações no Hospício Nacional em seu livro *O cemitério dos vivos*. Sua principal obra foi *Triste fim de Policarpo Quaresma*, no qual relata a vida de um funcionário público, nacionalista fanático, representado pela figura de Policarpo Quaresma. Lima Barreto faleceu no primeiro dia do mês de novembro de 1922, vítima de ataque cardíaco, em razão do alcoolismo.

VILARINHO, Sabrina. "Lima Barreto"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/lima-barreto-1.htm>> Acesso em 03 de dezembro de 2019. (Texto adaptado).

Indicações bibliográficas:

(CUTI) LUIZ, Silva. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, Nei. *E se Lima Barreto em vez de mulato fosse preto?* Disponível em: <<http://neilopes.com.br/2017/04/16/e-se-lima-barreto-em-vez-de-mulato-fosse-preto/>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2019.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A Cor da Escola – imagens da Primeira República*. Cuiabá/MT: EdUFMT/Editora Entrelinhas, 2008.

VILARINHO, Sabrina. "Lima Barreto"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/lima-barreto-1.htm>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura usada como um meio para ensinar e aprender história não é novidade, porque ela é um dos meios para construirmos com nossos alunos um conhecimento histórico que lhes desperte o interesse, rompendo "com a imagem de saber inútil e chato", que a história têm para muitos. (ENGEL, 2008, p. 10). Outras possibilidades do uso da literatura nas aulas de história, é o aprimoramento da aprendizagem da leitura e escrita, além do desenvolvimento de trabalhos com outras disciplinas. A literatura do escritor Lima Barreto é uma dessas possibilidades, pois sua obra pode ser usada nas aulas de história como uma estratégia para aproximar os alunos de realidades históricas distantes no tempo.

O escritor Lima Barreto nunca se omitiu em relação as injustiças sofridas e presenciadas por ele e outros, e utilizou a sua literatura para expressar os conflitos sociais e políticos que atingiam a maioria da população brasileira na Primeira República. De acordo com Beatriz Resende, Lima Barreto apresenta-se como

[...] um representante das classes subalternas, movendo-se no espaço da cidade, entre o subúrbio onde mora, do qual se ressentia por não conseguir uma identificação em sua vida íntima, pessoal, e o centro da cidade ocupado pelos gerentes desta cultura que recusa. Lima Barreto apresenta-se como transformador do discurso dos sem fala numa fala pública. (RESENDE, 1993, p. 26)

Como "transformador do discurso dos sem fala numa fala pública" Lima Barreto usou de sua escrita para denunciar todas as formas de exclusão, presentes em uma sociedade arrivista que surgiu com o regime republicano. O racismo foi denunciado pelo escritor em diversas de suas obras, tornando visível uma realidade que poucos ousavam abordar e discutir. Por ter optado por uma literatura militante, em que a denúncia dos problemas sociais se fazia sempre presente, Lima Barreto pagou um alto preço: suas obras foram desqualificadas ou condenadas pelo silêncio da crítica, em sua época. Como o seu personagem Isaías Caminha, o jovem mulato que se muda de uma cidade do interior para a capital da república com o objetivo de se tornar "doutor", em seu livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o jovem Lima Barreto também desejava se tornar um escritor reconhecido:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da *carta*, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não

titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. (BARRETO, 1998, p. 26)

O personagem Isaías muda-se para a cidade do Rio de Janeiro em busca de fama, riqueza e nas palavras do personagem: "Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímido de minha cor [...]". (BARRETO, 1998, P. 26). O personagem, apesar de sofrer com o preconceito já no caminho da cidade do Rio, antes de sair de sua cidade natal, almeja o título de doutor para escapar das humilhações e tristezas por ser mulato. Lima Barreto, nesse trecho, declara que os negros e mulatos eram vítimas constantes de racismo, mesmo em um regime proclamado como igualitário em direitos para todos. Segundo Figueiredo e Ferreira (2017):

Recordações do escrívão Isaías Caminha move-se por meio do recurso da narrativa em primeira pessoa e do discurso memorialístico, que simula a autobiografia, em um duplo processo. E um lado, a formação do jovem intelectual, em um diálogo com toda a tradição relativa aos efeitos da leitura, do saber, da ilustração. De outro, a reflexão, via lembrança, em busca do autoconhecimento que revela a ausência de sentido e finalidade daquele processo formativo de cidadão e intelectual, em uma realidade avessa a tais princípios. O resultado produz um movimento de profunda ironia entre a forma anunciada (memórias da formação intelectual e humanística) e o conteúdo em desenvolvimento, cuja consequência é a contaminação do épico pela reflexão, o esvaziamento da ação na narrativa e um herói reflexivo, que vagueia pelas ruas, pelas redações de jornais e em torno de si. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2017, p. 17).

No romance, Lima Barreto denuncia a realidade cultural brasileira durante a Primeira República para a grande maioria da população – afastada das decisões políticas do país e ainda formada por muitos analfabetos – com o trabalho escravo ainda presente no cotidiano dessa população, apesar da abolição, e a inserção compulsória do consumo e de novos hábitos surgidos à partir do processo de modernização, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2017, p. 17).

Em *Clara dos Anjos*, romance narrado em 3ª pessoa, Lima Barreto conta a história da jovem mulata Clara, que apesar da proteção excessiva dos pais, é iludida e seduzida por um rapaz branco, malandro do subúrbio, que a despreza como já havia feito com tantas outras moças. Quando vai procurar o rapaz na casa de sua família, é humilhada pela mãe do malandro, que a ofende por ela ser negra. Grávida e sozinha, Clara experimenta pela primeira vez o preconceito. Na narrativa de *Clara dos Anjos*, que novamente se passa na cidade do Rio de Janeiro, Lima Barreto além de denunciar o racismo presente na Primeira República, expõe o modo submisso como as mulheres eram educadas e tratadas em uma sociedade patriarcal. As mulheres negras, consideradas em uma posição de inferioridade na sociedade, em relação

aos homens e mulheres brancos e em relação aos homens negros, eram vistas como objetos sexuais, o que acontece até os dias de hoje. Lima Barreto afirma a necessidade de uma educação que empodere essas mulheres, para que elas se tornem capazes de enfrentar as dificuldades da vida. "O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade,[...]". (BARRETO, [198?], p.188).

A exclusão dos direitos de cidadania, confirmados pelo preconceito que sofria são revelados por Lima de maneira direta em seu *Diário íntimo*. Nessa obra, formada por cartas, cadernetas, rascunhos de livros que foi organizada pelo jornalista Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto também deixou registrado suas observações ao caminhar pelas ruas da cidade do Rio, em sua atividade de *flâneur*. O escritor também registrou em folhas avulsas, os episódios de racismo que sofreu ou presenciou em sua vida, e que fazem parte do *Diário íntimo*.

A potência da literatura de Lima Barreto, com sua percepção da realidade, crítica e denúncia a todas as formas de exclusão, se impõe novamente, principalmente no atual momento histórico pela qual a sociedade brasileira atravessa.

O trabalho de pesquisa desenvolvido no âmbito do PROFHISTORIA foi fundamental para a elaboração do produto, que são seis oficinas, destinadas aos docentes de história. Espero que com essa pesquisa e o produto desenvolvido, eu esteja contribuindo com o trabalho dentro da temática étnico-racial e para uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas. Palestra proferida no IV Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, realizado no Centro de Ensino Superior do Seridó (Ceres) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Caicó (RN), de 17 a 21 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10438/17189>>. Acesso em 2 ago. 2017.
- ALMEIDA, Rosiane Rodrigues. Raça e racismo: diacríticos fundamentais ao lidar com gênero e diversidade. In: RIBEIRO, Marcos. (org.). *A conversa sobre gênero na escola: Aspectos conceituais e político-pedagógicos*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019, p. 229-239.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. História e narrativa. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de. (org.). *Ler e escrever para contar*. Rio de Janeiro: Access, 1998, p. 221-258.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 7 ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ediouro, [198?].
- _____. Clara dos Anjos. In: PIZA, Daniel (org.). *Cinco mulheres*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. 8. ed., São Paulo: Ática, 1998.
- BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1919)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BRAYNER, Sônia. Lima Barreto: mostrar ou significar? In: *Labirinto do espaço Romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 145-171.
- BRASIL, Diretrizes curriculares para o Ensino Fundamental. In: *Brasil, Diretrizes curriculares nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 2013.
- BROCA, Paul. *On the phenomena of hybridity in the genus homo*. London, C. Carter Blake, 1864.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos*. Educação e sociedade. Campinas: v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar., 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 12 dez.2017.
- _____. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista brasileira de educação. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-185, jan./abr.2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/rbe-revista-brasileira-de-educacao>>. Acesso em 10 dez.2017.

CANDIDO, Antônio. Os olhos, a barca e o espelho. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 39-50.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, pp. 83-105, mar./ago., 1988.

_____. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Hemus, 1968 (1ª ed.: 1859).

ENGEL, Magali Gouveia et al. *Crônicas cariocas e ensino de história*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008, p. 9-83.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de.; FERREIRA, Celia Maria (org.). *Lima Barreto, caminhos de criação: Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

GALTON, Francis. *Hereditary genius*. 1.ed. London: Julyan Friedman, 1869.

GOBINEAU, Arthur de. *Enssai sur l'inegalité des races humaines*. Paris, Gallimard-Pleiade (1 ed.: 1853).

GOMES, Eugênio. Lima Barreto. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. 2 ed., Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969, v. 3, p. 123-132.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da.; FERNANDES, Alexandra Borges (org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011, p. 39-59.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ, 2017.

GRIMBERG, Keila. *O racismo de Louis Agassiz*. Instituto Ciência Hoje. 11 e dezembro de 2009. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/coluna/o-racismo-de-louis-agassiz/>>. Acesso em 11 de maio de 2019.

HAAG, Carlos. *As fotos secretas de Louis Agassiz*. Revista Pesquisa FAPESP. FAPESP, São Paulo: Edição 175, p. 80-85, setembro de 2010. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/09/04/as-fotos-secretas-do-professor-agassiz/>>. Acesso em: 11 maio de 2019.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de Indicadores Sociais (SIS). 6 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012agenciadenoticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Atlas da violência 2017*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

_____. *Atlas da violência 2018*. Rio de Janeiro, 12 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. *Atlas da violência 2019*. Rio de Janeiro, 5 de junho de 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432>. Acesso em 10 nov. 2019.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, v. 2, 1996.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/w3ZbQh>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOPES, Nei. *O racismo explicado aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

(CUTI) LUIZ, Silva. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MATTOS, Hebe. Raça e cidadania no crepúsculo da modernidade escravista no Brasil. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil imperial 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.18-35.

MUNANGA, Kabengele; Gomes, Nilma Lino (org.). *Para entender o Negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. 2 ed., São Paulo: Global: Ação Educativa, 2006 (1ª reimpressão de 2006).

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Fátima Maria de. *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2007.

RANGEL, Marcelo; ABREU, Marcelo. Memória, cultura histórica e ensino de história no mundo contemporâneo. In: *Revista História e Cultura*. Franca: UNESP, v. 4, n. 2, p.7-24, set., 2015.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil (1879-1880)*. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C., 1888.

SANTOS, Lorene dos. Ensino de história e cultura afro-brasileira: dilemas e desafios da recepção da Lei 10.639/03. In: MONTEIRO, Ana Maria; PEREIRA, Amilcar Araújo. (orgs.). *Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p.57-83.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. 1 ed. (2ª impressão). São Paulo: Editora Scipione, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. In: *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 99-129, jan./abr., 2017.

SILVA, Yara da. *Tia Carmem: negra tradição da Praça Onze*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SCHUMAHER, Schuma; Brazil, Érico Vital. *Mulheres negras do Brasil*. Edição condensada. Rio de Janeiro: Senac Editoras, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 (3ª reimpressão de 1993).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo da miscigenação. In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 1994, n. 8, p. 137-152.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil: quando inclusão combina com exclusão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. 1. ed., São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012, p. 94-107.

_____. *Triste visionário*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

REIS, José Carlos. O desafio historiográfico. In: *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Cap. 3, p. 71-81.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.